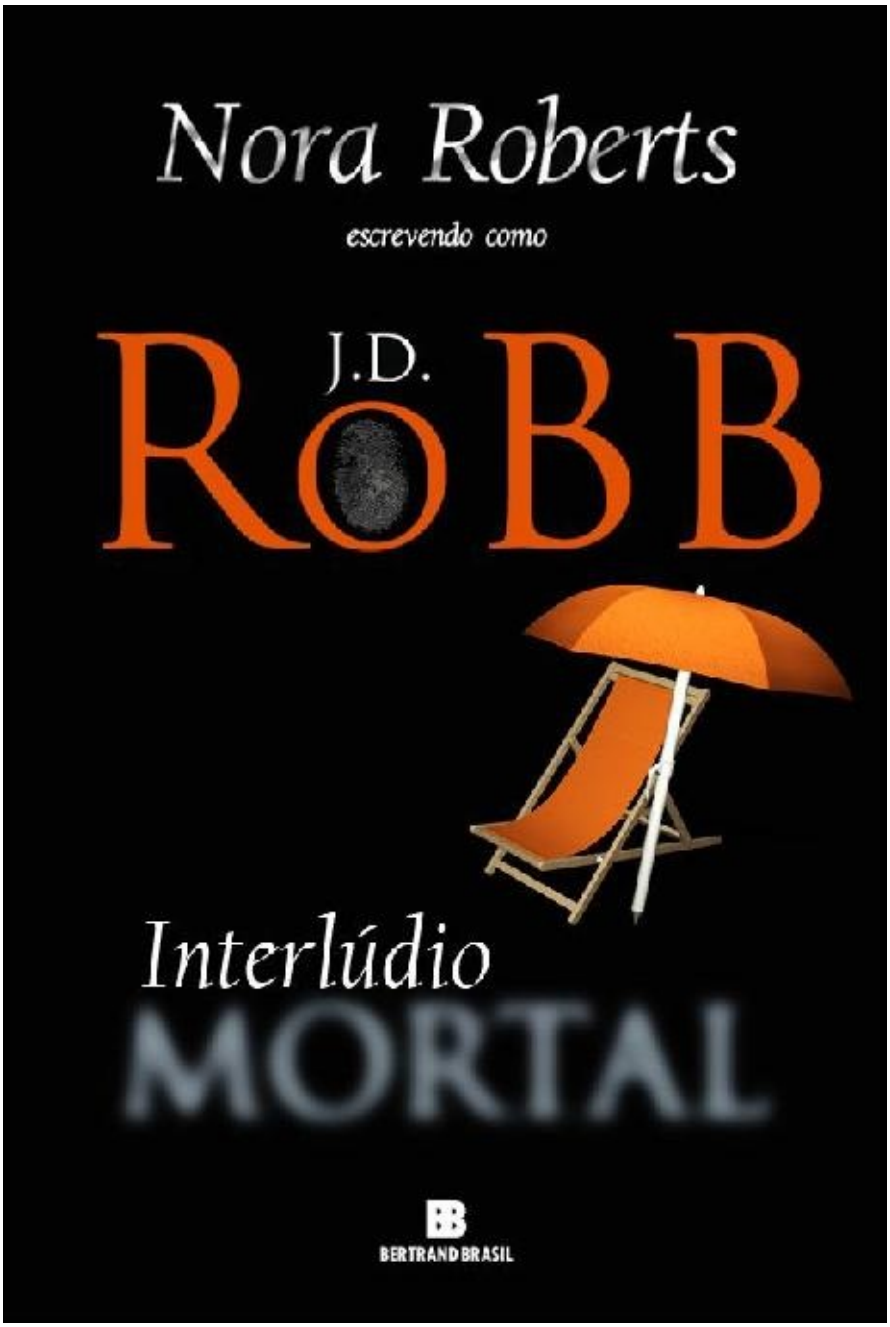


Série Mortal

1 - Nudez Mortal

2 - Glória Mortal

3 - Eternidade Mortal

4 - Êxtase Mortal

5 - Cerimônia Mortal

6 - Vingança Mortal

7 - Natal Mortal

7,1 - Meia-noite Mortal

8 - Conspiração Mortal

9 - Lealdade Mortal

10 - Testemunha Mortal

11 - Julgamento Mortal

12 - Traição Mortal

12,1 - Interlúdio Mortal

13 - Sedução Mortal

14 - Reencontro Mortal

15 - Pureza Mortal

16 - Retrato Mortal

17 - Imitação Mortal

17,1 - Naquele Tempo

18 - Dilema Mortal

19 - Visão Mortal

20 - Sobrevivência Mortal

21 - Origem Mortal

22 - Recordação Mortal

MORTAL

BERTRAND BRASIL

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. Robb

Interlúdio

Prefácio

N o início da primavera de 2059, a Tenente Eve D allas é enviada para fora do planeta, em uma missão difícil... apresentar um seminário na maior conferência policial do ano, que acontecerá em um Resort de luxo. Resort casualmente possuído por seu marido, Roarke.

Embora Eve não consiga ver as coisas sob essa ótica, a viagem deveria ser considerada férias. Mas o trabalho impõe-se na forma de um homicídio brutal. O caso fica ainda mais complicado pela história pessoal existente entre Eve e a vítima... e pela história do assassino com Roarke. Q uando o perigo se aproxima e o

número de mortes cresce, Eve deve encontrar um modo de deter o ciclo de violência e vingança, e enviar o passado para o lugar que pertence.

A aprendizagem não é jogo infantil;

não podemos aprender sem dor.

— Aristóteles

Feliz é o menino cujo pai se vai ao inferno.

— Provérbio do século XVI

Capítulo Um

A s faces do assassinato eram variadas e complexas. Umas eram tão velhas como o tempo e cheias de rugas marcadas com o sangue derramado por Caim. O guardião de um irmão era o verdugo do outro.

É obvio, tinha sido bastante fácil fechar aquele caso em particular. A lista de suspeitos tinha sido, no final das contas, bastante limitada.

Mas o tempo tinha povoado a Terra ainda antes do inicio da primavera de 2059 até enchê-la, fazendo as pessoas saírem de seu planeta natal para abarrotar mundos e satélites feitos pelo homem. A habilidade e a capacidade de criar seus próprios mundos, o extraordinário valor para pensar em fazer isso, não os tinha detido de matar a seus irmãos.

O método era às vezes mais sutil, frequentemente mais cruel, mas as pessoas, sendo pessoas como sempre foram, recorriam a cravar uma estaca afiada no coração de outra sobre uma linda horta de alfaces.

O s séculos, e a natureza do homem, tinham desenvolvido mais que formas alternativas de matar e uma variedade de vítimas e motivos. Tinham criado a

necessidade e os meios de castigar ao culpado.

O castigo ao culpado e a necessidade de justiça para o inocente se converteu — possivelmente tinha sido desde aquele primeiro caso extremo de rivalidade entre irmãos — em uma arte e uma ciência.

Estes dias, o assassinato lhe conseguia mais que uma viagem curta a Terra de Node{1}. Trancava-o em uma jaula de aço e concreto onde você teria tempo de sobra para pensar no que tinha dado errado.

Mas levar o pecador onde a justiça decidia mantê-lo era uma jornada difícil. Exigia um sistema. E o sistema exigia suas regras, técnicas, mão de obra, organizações, e subterfúgios.

E o esporádico seminário para educar e informar.

N o que à Tenente Eve D allas concernia, preferiria confrontar uma horda de viciados, a dar um seminário sobre assassinato. A o menos os viciados não lhe matariam de vergonha.

E como se não fosse bastante ruim ter sido atribuída para assistir à Conferência de S egurança e A plicação da Lei I nterplanetária, como se não fora bastante horrendo que seu próprio comandante lhe tivesse *ordenado* dar um seminário, toda a maldita farsa teve que tomar forma fora do planeta.

N ão podiam fazer essa merda em N ova York, pensou Eve, enquanto ficava de barriga para baixo na cama do hotel. S implesmente não podiam encontrar um

lugar em todo o fodido planeta que pudesse servir bem. *Não!* S implesmente tiveram que enviar um montão de policiais e técnicos ao espaço.

Deus, ela odiava viagens espaciais.

E de todos os lugares no universo conhecido, o comitê de seleção teve que descarregá-los no O lympus Resort. N ão só era uma policial fora de seu elemento,

mas também era uma policial fora de seu elemento que teria que dar um seminário

em uma das salas de conferências em um dos hotéis ridiculamente luxuosos de propriedade de seu marido.

Isso era mortificante.

O trapaceiro filho da puta, ela pensou, e se perguntou se algum dos músculos e ossos que haviam se dissolvido durante a aterrissagem no O lympus haviam se regenerado. Ele tinha planejado, ele tinha feito. E agora ela estava pagando.

Ela tinha que socializar, assistir a reuniões. Ela tinha que — Santo Deus — dar um discurso. E em menos de uma semana, teria que retornar nessa caprichosa armadilha mortal voadora do Roarke e confrontar a viagem para casa.

J á que essa imagem fez que seu estômago embrulhasse, considerou as vantagens de viver o resto de sua vida no Olympus.

Quão ruim poderia ser?

O lugar tinha hotéis, cassinos e casas, bares, e lojas. O que significava que tinha pessoas. Q uando você tinha pessoas, benditos seus corações mercenários,

tinha crimes. Tinha crimes, e necessitava de policiais. Ela poderia trocar seu distintivo da Polícia e S egurança de N ova York por um escudo da A plicação da Lei Interplanetária.

— Poderia trabalhar para ALI — murmurou sobre a colcha.

— S em dúvida. — N o outro lado do quarto, Roarke terminou de analisar o relatório de uma de suas outras propriedades. —A o cabo de um momento, não pensaria duas vezes em sair rapidamente do planeta à estação espacial e ao satélite.

E ficaria encantadora em um desses uniformes azul e branco e botas até os joelhos.

Sua pequena fantasia borbulhou. Interplanetário queria dizer, depois de tudo, interplanetário.

— Beije meu traseiro.

— É obvio. —Ele se aproximou, inclinou-se e pôs seus lábios em seu traseiro. Logo começou a subir por suas costas.

A diferença de sua esposa, ele estava cheio de energia pela viagem espacial.

— Se está pensando conseguir sexo, camarada, pense de novo.

— Estou pensando muito. —Ele sentiu prazer com a extensão longa e magra dela. Q uando alcançou sua nuca, esfregou seus lábios exatamente debaixo das pontas de sua curta e desordenada cabeleira. E sentindo seu tremor rápido, sorriu abertamente quando a virou.

Então ele franziu o cenho um pouco, passando um dedo pela covinha em seu queixo.

— Está um pouco pálida ainda, não é?

S eus profundos olhos castanhos dourados olharam mal-humorados os seus.

Sua boca, ampla, móvel, curvou-se em uma careta zombadora.

— Q uando estiver de pé outra vez, vou dar um murro nesse seu rostinho bonito.

— Espero-o com muita ilusão. Enquanto isso. —Ele se inclinou, e começou a desabotoar sua camisa.

— Pervertido.

— O brigado, Tenente. —Porque ela era dele, e isso ele adorava, beijou seu peito, logo puxou suas botas, e lhe tirou as calças. —E espero que nos aproximemos da parte da perversão de nosso programa em breve. Mas no momento. — Recolheu-a e a tirou do dormitório. — Penso que provaremos um pouco de reconstituinte pós-voo

— Por que tenho que estar nua?

— Eu gosto de você nua.

Ele entrou em um banheiro. N ão, não um banheiro, Eve refletiu. Era uma palavra muito ordinária para este oásis de indulgência sensual.

A banheira era um lago, profundamente azul e alimentado por brilhantes

tubos de prata entrelaçados em formas de flor. A bundantes roseiras do tamanho de uma pessoa com flores brancas rodeavam a escada de mármore que conduzia a uma área de ducha onde uma cascata já caía brandamente por umas paredes reluzentes. O s altos cilindros de humor e tubos secantes estavam rodeados por quedas de flores e folhas, e ela imaginou que qualquer um que usasse um deles pareceria uma estátua em um jardim.

Uma parede de cristal oferecia uma vista do céu espaçoso convertido em dourado pela pintura da tela de intimidade.

Ele a deixou nas suaves almofadas de uma espreguiçadeira e caminhou por volta de um dos mostradores curvos que fluíam ao redor das paredes. D eslizou um painel dos azulejos e ativou uma programação com o teclado de controle escondido detrás dele.

A água começou a verter-se na banheira, as luzes se atenuaram, e a música, um suave gemido de cordas, deslizou-se no ar.

— Estou indo tomar banho? —lhe perguntou.

— Eventualmente. Relaxe. Feche os olhos.

Mas ela não fechou os olhos. Era muito tentador só olhá-lo enquanto ele circulava pelo quarto, acrescentando algo espumoso ao banho, vertendo um pouco de líquido dourado pálido em um copo.

Ele era alto e tinha uma graça inata. Como um gato, ela pensou. Um gato grande, perigoso que só fingia ser domesticado quando isso convinha ao seu humor. S eu cabelo era negro, grosso e mais longo que o seu. Caía quase até seus ombros e proporcionava uma moldura perfeita para um rosto que a fazia pensar em anjos escuros, poetas condenados e guerreiros desumanos ao mesmo tempo. Q uando ele a olhava com esses olhos quentes e grosseiramente azuis, o amor dentro dela podia estender-se tão rápido e forte, que lhe doía o coração por tê-lo. Ele era dela, pensou. O antigo garoto mau da I rlanda que tinha feito sua vida, sua fortuna e seu lar, por qualquer meio possível, justo ou — bem —injusto.

— Beba isto.

Ele gostava de cuidar dela, refletiu quando tomou o copo que lhe oferecia. Ela, a menina perdida, a dura policial, nunca podia entender se isso a irritava ou comovia. A maioria das vezes, supôs, só a desconcertava.

— O que é isso?

— Algo bom. —Ele pegou e bebeu para demonstrá-lo.

Q uando provou, achou que ele tinha razão, como de costume. Ele se localizou detrás da cadeira, com evidente diversão em seu rosto quando a jogou para trás e seu olhar se estreitou com suspeita.

— Feche os olhos — repetiu e escorregou uns óculos sobre seu rosto. — Um minuto — acrescentou.

A s luzes fluíram diante de suas pálpebras fechadas. A zuis profundos,

vermelhos quentes e pausados, fundindo-se em padrões. Ela sentiu suas mãos, cobertas com algo fresco e perfumado, massagear seus ombros, e os músculos duros de seu pescoço.

Seu organismo, tenso pelo voo, começou a reacomodar-se.

— Bem, não é terrível, — ela murmurou, e se deixou levar.

Ele tomou o copo de sua mão quando seu corpo escorregou no programa reconstituinte de dez minutos que tinha selecionado. Havia-lhe dito um minuto. Tinha mentido.

Q uando ela relaxou, ele se inclinou para beijar sua testa e a cobriu com um lençol de seda. O s nervos, ele sabia, tinham-na desgastado. A crescentado a tensão e a fadiga de sair de um caso difícil e ser lançada em seguida a uma atribuição fora do planeta, o que ela detestava, não era surpreendente que seu organismo estivesse confuso.

Ele a deixou dormindo e saiu a ocupar-se de alguns detalhes menores para o evento noturno. A cabava de retroceder quando o temporizador do programa emitiu um suave sinal sonoro e ela se moveu.

— Wow. —Ela piscou, e afastou o cabelo quando lhe retirou os óculos.

— Sente-se melhor?

— Sinto-me fantástica.

— Um pequeno mal-estar por causa da viagem é bastante fácil de remediar. O banho deveria terminá-lo.

Ela olhou de relance, viu que a banheira estava cheia, com borbulhas que se balançavam brandamente pela corrente dos jorros.

— Claro que fará. —S orrindo, levantou-se, e cruzou o quarto para entrar na piscina. E inundando-se até o pescoço, soltou um comprido suspiro.

— Posso ter aquele vinho ou o que diabos seja?

— Claro. —A gradando-a, ele o levou, e o pôs na enorme borda atrás de sua cabeça.

— O brigado. Tenho que dizer, isto é algo... —Ela se calou, apertando as têmporas.

— Eve? D or de cabeça? —Estendeu a mão, preocupado, e se encontrou atirado na água com ela.

Q uando ele emergiu, ela sorria abertamente, e sua mão estava cavada possessivamente entre suas pernas.

— Otário — ela disse.

— Pervertida.

— O h, sim. D eixe-me te mostrar como termino este pequeno programa reconstituinte, sabichão.

* * *

Recuperada e satisfeita, ela deu uma passada rápida no tubo secante. S e fosse

viver só uns dias mais antes de se chocar contra um meteorito perdido e queimar até as cinzas quando o combustível do foguete explodisse no voo de volta a casa, mais valia tirar o maior proveito possível de tudo.

Pegou um robe, envolveu-se nele, e retornou ao dormitório.

Roarke já tinha vestido as calças e explorava o que pareciam ser símbolos codificados que passavam pelo tele-link do dormitório. S eu vestido, ao menos assumiu que era um vestido, estava estendido na cama.

Ela olhou carrancuda o fino tecido de cor bronze, e se aproximou para manusear o material.

— Guardei este?

— N ão. —Ele não se incomodou em olhar para trás, podia ver seu cenho suspeito bastante claro em sua mente. — Empacotou o total de vários dias de camisas e calças. S ummerset fez alguns ajustes em seu guarda-roupa para a conferência.

— S ummerset. —O nome sibilou como uma serpente entre seus lábios. O mordomo do Roarke era uma séria dor em seu traseiro — O deixou mexer em minha roupas? Agora tenho que as queimar.

Embora ele tivesse feito consideráveis ajustes em seu guarda-roupa o ano passado, havia, em sua opinião, vários artigos que ainda mereciam ser queimados.

— Ele poucas vezes mexe. Estamos um pouco atrasados, — acrescentou ele .

— O coquetel de recepção começou faz dez minutos.

— S ó uma desculpa para que um montão de policiais se embriague. N ão vejo por que tenho que me aprontar toda para isso.

— I magem, querida Eve. É uma conferencista importante e uma dos personagens mais importantes do acontecimento é você.

— Odeio essa parte. Já é ruim o suficiente ter que ir nos seus eventos.

— Não deveria estar nervosa sobre seu seminário.

— Quem disse que estou nervosa? — Ela agarrou rapidamente o vestido.

— Pode ver através desta coisa?

Seus lábios se curvaram.

— Não muito.

* * *

— N ão muito — era exato, ela concluiu. O vestido parecia leve como uma nuvem, e era bastante cômodo. A tênue cobertura dele ocultava o essencial. D e todos os modos, já que sua noção da moda podia ser gravada em um microchip com espaço de sobra, teve que acreditar que Roarke sabia o que fazia.

A nte o som das diversas vozes que saíam do salão de baile quando eles se aproximaram, Eve sacudiu sua cabeça.

— A posto que a metade deles já está no ponto. S erve material de primeira ali dentro, não é?

— S ó o melhor para nossos esforçados funcionários públicos. — Conhecendo

sua mulher, Roarke tomou sua mão e a conduziu pela porta aberta.

O salão de baile era enorme, e estava lotado. Tinham vindo de todas as partes do planeta e seus satélites. O ficiais de polícia, técnicos, peritos consultores. O cérebro e a força muscular da aplicação da lei.

— N ão fica nervoso estar no mesmo ambiente com, vejamos, perto de quatro mil policiais? —lhe perguntou.

— Ao contrário, Tenente, — indicou ele rindo . — Sinto-me muito seguro.

— Alguns destes caras provavelmente tentaram te prender uma vez ou outra.

— Você também. —N esse momento ele tomou sua mão e, antes que ela pudesse detê-lo, beijou-a. — Olha só onde isso te trouxe.

— D allas! —A oficial D elia Peabody, embelezada com um vestido vermelho curto ao invés de seu engomado uniforme padrão, aproximou-se rapidamente. S ua escura juba tinha sido escovada e frisada. E, Eve notou, o alto copo em sua mão já estava meio vazio.

— Peabody. Parece que conseguiu chegar.

— O transporte foi pontual, sem problemas. Roarke, este lugar é terrivelmente genial. N ão posso acreditar que esteja aqui. Realmente aprecio que me escolhesse, Dallas.

N ão tinha sido exatamente um favor escolhê-la. S e ela ia sofrer tendo que ir

ao seminário, Eve tinha a opinião de que sua ajudante também deveria sofrer. Mas

do jeito que as coisas estavam, parecia que Peabody resistiria firme.

— Vim com Feeney e sua esposa, — continuou Peabody . — E a doutora Mira

e seu marido. Morris, Dickhead, Silas, da segurança e Leward, do

A nticrime... estão todos por aí. A lguns outros caras de Central e distritos. O

DPSNY realmente está bem representado.

— Grandioso. —Ela podia esperar brincadeiras por seu discurso durante

semanas.

— Vamos ter uma pequena reunião mais tarde no Salão de Paisagem Lunar.

— Reunião? Acabamos de nos ver ontem.

— N o planeta. —O s lábios do Peabody, pintados de um vermelho intenso,

ameaçaram fazer um beicinho. —Isto é diferente.

Eve franziu o cenho ante o elegante vestido de festa de sua ajudante.

— Eu que o diga.

— Por que não trago para as senhoras uma bebida? Vinho, Eve? E Peabody?

— Tenho um O rgasmo I mpressionante. A bebida, quero dizer, não, já sabe,

pessoalmente.

Divertido, Roarke pousou uma mão sobre seu ombro.

— Eu me encarrego disso.

— Garoto, a qualquer hora, — Peabody murmurou quando ele se afastou.

— Basta. —Eve explorou o salão de baile, separando policiais de cônjuges, técnicos, e consultores. Concentrou-se em um grupo grande congregado na esquina sudeste do salão de baile. — O que acontece ali?

— Esse é o peixe gordo. A ntigo Comandante D ouglas R. S kinner. — Peabody gesticulou com seu copo, logo tomou um gole. —Conhece-o?

— Não. Ouvi a respeito dele o suficiente, entretanto.

— É uma lenda. N ão consegui vê-lo ainda porque há uma centena de pessoas a seu redor desde que cheguei. Li a maior parte de seus livros. A forma em que atravessou as Guerras Urbanas, e manteve sua área segura. Foi ferido durante o Assédio de Atlanta, mas permaneceu na linha de frente. É um verdadeiro herói.

— Os policiais não são heróis, Peabody. Só fazemos o nosso trabalho.

Capítulo Dois

Eve não estava interessada em lendas, heróis ou policiais aposentados que acumulavam enormes honorários brincando no circuito de conferências ou consultas. Estava interessada em terminar sua bebida, marcar presença na recepção - apenas só porque seu próprio comandante tinha lhe ordenado fazê- lo - e

logo em seguida desaparecer.

A manhã, pensou, era cedo o suficiente para voltar a trabalhar. Pelo nível do ruído da multidão, todos outros pensavam assim também.

Mas parecia que a lenda estava interessada nela.

Ela tinha a taça em sua mão, calculando precisamente a rota menos aborrecedora ao redor do salão, quando alguém deu pequenos golpes em seu ombro.

— Tenente D allas. —Um homem magro de cabelo escuro tão curto que parecia papel de lixa grudado ao couro cabeludo, saudou-a com a cabeça. — Bryson Hayes, secretário particular do Comandante S kinner. O comandante gostaria muito de conhecê-la. Se me acompanhar.

— O comandante, — ela girou ao redor ao mesmo tempo que Hayes começava a voltar —, parece bastante ocupado neste momento. Estarei por aqui toda a semana.

Depois de uma lenta piscada, Hayes simplesmente a contemplou.

— O comandante gostaria de conhecê-la agora, Tenente. S eu horário durante a conferência é muito apertado.

— Vá. —Peabody sussurrou enquanto dava uma cotovelada em Eve. — Vá, Dallas.

— Estaríamos encantados de nos encontrar com o Comandante Skinner.

— Roarke solucionou o problema pousando a bebida sobre uma mesa, logo tomando tanto os braços de Eve quanto o de Peabody. I sso ganhou um olhar de adoração do Peabody e um cenho franzido de sua esposa.

A ntes que Hayes pudesse objetar ou conformar-se, Roarke conduziu ambas

as mulheres através do salão de baile.

— Está fazendo isto só para me desagradar, — comentou Eve.

— N ão completamente, mas desfrutei contrariar o Hayes. S ó um pouco de

política, Tenente. —Ele deu a seu braço um apertão amistoso . — N unca dói jogá-

la.

Ele abriu caminho pela multidão brandamente, e só sorriu quando Hayes,

com um músculo tremendo em sua mandíbula, alcançou-os a tempo para abrir

caminho pelo último grupo de pessoas.

S kinner era baixo. S ua reputação era tão grande que Eve se surpreendeu ao

notar que apenas chegava a altura de seus ombros. S abia que ele tinha perto de

setenta anos, mas tinha se mantido em forma. S eu rosto estava enrugado, mas não

caído. N em seu corpo. Ele tinha deixado o cabelo ficar cinza, mas não permitiu que

caísse, e usava com um corte militar. S eus olhos, sob sobrancelhas chapeadas retas,

eram de um duro mármore azul.

Ele sustentava um copo pequeno, com um líquido âmbar transparente. O

ouro pesado de seu anel de cinquenta anos brilhava em seu dedo.

Ela o mediu em questão de segundos como, ela notou, ele a media também.

— Tenente Dallas.

— Comandante S kinner. —Ela aceitou a mão que lhe ofereceu, encontrou- a

fria, seca e mais frágil do que tinha esperado. — Minha ajudante, Oficial Peabody.

S eu olhar permaneceu no rosto de Eve um segundo extra, logo mudou para Peabody. Seus lábios se curvaram.

— O ficial, sempre é um prazer encontrar a um de nossos homens ou mulheres em uniforme.

— O brigado, senhor. É uma honra lhe conhecer, Comandante. Você é uma das razões pelas quais me uni à força.

— Estou seguro que o DPSNY tem sorte de tê-la. Tenente, eu.

— Meu marido, — interrompeu Eve . — Roarke.

A expressão do Skinner não vacilou, mas se esfriou.

— S im, reconheci Roarke. Passei parte de minha última década no trabalho estudando-o.

— S into-me adulado. A credito que esta é sua esposa. —Roarke girou sua atenção à mulher ao lado do Skinner. — É um prazer conhecê-la.

— O brigada. —S ua voz era a nata suave do sul dos Estados Unidos. — S eu O lympus é uma realização espetacular. Estou desejando ver mais dele enquanto estamos aqui.

— Ficarei encantado em providenciar um tour e seu transporte.

— Você é muito amável. —Ela pousou uma mão sobre o braço de seu marido. Ela era uma mulher muito atraente. Tinha que estar próxima à idade de seu

marido, pensou Eve, já que seu longo matrimônio era parte da antiga reputação de

S kinner. Mas um D N A superior ou excelentes plásticas de rosto e corpo tinham

conservado sua beleza juvenil. S eu cabelo era brilhantemente negro, e o tom

magnífico de sua pele indicava a raça mesclada. Levava um singelo traje de noite

prateado e diamantes esplendorosos como se tivesse nascido com tais coisas.

Quando ela olhou para Eve foi com educado interesse.

— Meu marido admira seu trabalho, Tenente D allas, e ele é muito exigente

em sua admiração. Roarke, por que não damos a estes dois policiais um pouco de

tempo para falar de trabalho?

— O brigado, Belle. D ispensa-nos, certo, O ficial? —S kinner gesticulou para

uma mesa protegida por um trio de homens com trajes negros. — Tenente?

Permita- me. —Quando se sentaram os homens deram um passo atrás.

— Guarda-costas em uma convenção policial?

— Hábito. Aposto que tem sua arma e insígnia na bolsa de noite.

Ela o reconheceu com um pequeno aceno de cabeça. Teria preferido vesti-los,

mas o vestido não tinha em conta seu gosto pelos acessórios.

— Do que se trata, Comandante?

— Belle estava certa. A dmiro seu trabalho. Estava interessado em nos

encontrar no mesmo programa. Você não aceita, em geral, compromissos para falar

em público.

— Não. Eu gosto das ruas.

— Como eu. É como um vírus no sangue. —Ele se reclinou e tomou sua

bebida. O débil tremor em sua mão a surpreendeu. — Mas trabalhar nas ruas não

significa estar nelas, necessariamente. A lguém tem que mandar. de uma mesa, um

escritório, uma sala de guerra. Um bom policial, um policial inteligente, sobe nas

patentes. Como você, Tenente.

— Um bom policial, um policial inteligente, fecha casos e prende aos caras

maus.

Ele riu brevemente.

— Você pensa que isso é suficiente para as divisas de capitão, para uma uma

condecoração? N ão, a palavra “ingênua” nunca surgiu em nenhum dos relatórios

que li sobre você.

— Por que você leria meus relatórios?

— Posso estar retirado do serviço ativo, mas ainda sou um assessor. A inda

tenho meu dedo no bolo. —Ele se inclinou para frente outra vez. — Você conseguiu

trabalhar e fechar alguns casos muito proeminentes, Tenente. Embora nem sempre

aprove seus métodos, os resultados são indiscutíveis. É estranho para mim julgar a

um oficial feminino digno de respeito.

— Perdoe-me. Retroceda. Feminino?

Ele levantou sua mão em um gesto que lhe indicou que tinha tido essa discussão antes e estava vagamente cansado disso.

— A credito que os homens e as mulheres têm funções básicas diferentes. O homem é o guerreiro, o fornecedor, o defensor. A mulher é a procriadora, a nutridora. Há numerosas teorias científicas que estão de acordo, e o peso social e religioso que adicionar.

— Sério? —Eve disse brandamente.

— Francamente, nunca aprovei às mulheres na força, ou em certas áreas do trabalho civil. Elas frequentemente são uma distração e poucas vezes totalmente comprometidas com o trabalho. O matrimônio e a família logo -como deveria ser para as mulheres - tomam prioridade.

— Comandante S kinner, dadas as circunstâncias, o mais cortês que posso pensar em lhe dizer é que está cheio de merda.

Ele riu, forte e longamente.

— Você está à altura de sua reputação, Tenente. S eus dados também assinalam que é prestativa e que seu distintivo não é algo que só recolhe da penteadeira cada manhã. É o que você é. O u foi, em todo caso. Temos em comum

isso. D urante cinquenta anos fiz uma diferença, e minha área estava limpa. Fiz o

que teve que ser feito, logo aceitei o que se seguiu. Fui comandante em pleno à idade de quarenta e quatro anos. Você gostaria de ser capaz de dizer o mesmo?

Ela sabia quando estava sendo manipulada, e manteve seu rosto e tom de voz neutros.

— Não pensei nisso.

— S e esse for o caso, decepciona-me. S e esse for o caso, comece a pensar. S abe, Tenente, quão mais perto estaria agora mesmo de uma capitania se não tivesse tomado algumas decisões pessoais pouco aconselháveis?

— Realmente? —A lgo começou a arder dentro de seu ventre. — E como saberia você a possível promoção de um policial de homicídio em Nova York?

— Estive atento a você. —S ua mão livre se empunhou, golpeando ligeira, e ritmicamente na mesa. — Tenho um pesar, certo assunto inconcluso de meu serviço ativo. Um objetivo que nunca pude conservar à vista o tempo suficiente para apanhá-lo. Entre nós, poderíamos. Posso conseguir-lhe essa divisa de capitã,

Tenente. Você entrega Roarke. .

Ela olhou abaixo seu vinho, devagar passou a ponta do dedo ao redor da borda.

— Comandante, você deu meio século de sua vida ao trabalho. Você derramou seu sangue por isso. Essa é a única razão pela que não vou perfurar a sua

cara por esse insulto.

— Pense com cuidado, — disse quando Eve ficou de pé. — O sentimento acima do dever nunca é uma decisão inteligente. Tenho a intenção de apanhá- lo. Não vacilarei em destroçá-la para fazê-lo.

A rrebentando de fúria, ela se inclinou muito perto, e sussurrou em seu ouvido.

— Tente-o. Você averiguará que não sou nenhuma fodida nutridora.

Ela se levantou, só para ter a um dos guarda-costas lhe bloqueando o caminho.

— O comandante, — assinalou ele—, não terminou de falar com você.

— Eu terminei de falar com o comandante.

S eu olhar fixou no seu rosto brevemente, e ele deu um aceno mais fraco antes que se aproximasse mais, e sujeitasse fortemente seu braço.

— Queira sentar-se, Tenente, e esperar até que tenha sido despedida.

— Mova sua mão. Solte-me agora, ou vou machucá-lo.

Ele só aumentou sua pressão.

— Sente-se e espere a autorização para sair. Ou você vai ser machucada.

Ela virou-se e olhou para Skinner, e novamente para o guarda costas.

— Tente outra vez . —Ela deu um golpe repentino para fraturar seu nariz e um golpe rápido no guarda costas ao lado quando ele avançou

Q uando ela completou o giro e se deteve, tinha em sua mão a sua bolsa e sua arma.

— Mantenha os seus cães atados, — disse ao Skinner.

Ela observou o rosto dos policiais que tinham se virado, para ver se havia problemas vindos do outro lado do salão. D ecidindo-se contra isso, partiu dando meia volta e passou no meio da multidão que murmurava.

Estava quase na porta quando Roarke acomodou seu passo ao lado dela, e passou um braço ao redor de seus ombros.

— Tem sangue em seu vestido, querida.

— S im? —A inda fumaçando, deu uma olhada na pequena mancha. — N ão é meu.

— Notei.

— Tenho que falar contigo.

— Um-hmm. Por que não vamos para o quarto e vemos o que pode fazer o camareiro sobre essa mancha de sangue? Pode falar antes que comecemos a beber

com seus amigos da Central.

— Por que diabos não me disse que conhecia o Skinner?

Roarke teclou o código para o elevador privado do dono.

— Não o conheço.

— Ele tão seguro como o inferno, te conhece.

— A ssim parece. —Ele esperou até que estivessem dentro do elevador antes de beijar sua testa. — Eve, através de minha trajetória, tive a uma grande

quantidade de policiais olhando em minha direção.

— Ele ainda está olhando.

— É bem-vindo. S ou um legítimo homem de negócios. Virtualmente um pilar. Redimido pelo amor de uma boa mulher.

— N ão me faça te bater, também. —Ela saiu do elevador, atravessou a suntuosa área de estar da suíte, e saiu diretamente no terraço assim poderia aliviar

a raiva no ar fresco. — O filho puta. O filho da puta quer minha ajuda para te apanhar.

— Bastante grosseiro, — disse Roarke brandamente. — Para mencionar o tema conhecendo alguém tão pouco, e em uma recepção de coquetel. Por que pensou ele que estaria de acordo?

— Balançou uma capitania em minha cara. D isse-me que ele pode conseguir isso de outra maneira, estou detrás da linha devido a minhas pobres decisões pessoais.

— Referindo-se a mim. —A diversão desapareceu. — É verdade? S uas possibilidades para uma promoção estão congeladas devido a nós?

— Como diabos saberia? —Ainda zangada pelo insulto, voltou-se para ele.

— Pensa que me preocupo por isso? Pensa que fazer carreira na policia me move?

— Não. —Caminhou para ela, colocando a mão por cima de seus ombros

— S ei o que te conduz. O s mortos lhe conduzem. —inclinou-se, e apoiou seus lábios sobre sua testa. — Ele calculou mal.

— Foi uma coisa estúpida e sem sentido o que fez. Ele apenas se incomodou em dar umas poucas voltas antes de me lançar isso. Uma má estratégia, — continuou ela. — Uma aproximação pobre. Q uer seu traseiro, Roarke, e o bastante para arriscar-se a uma denúncia por suborno. Por quê?

— N ão sei. —E o que um não sabia, ele pensou, era sempre perigoso. — O investigarei. Em qualquer caso, sem dúvida animou a recepção.

— N ormalmente teria sido mais sutil, só uma joelhada nas bolas desse imbecil por meter-se no meio. Mas S kinner tinha entrado nessa dança sobre como as mulheres não deveriam estar no trabalho porque são nutridoras. Golpear-lhe as bolas simplesmente parecia muito feminino nesse momento.

Ele riu, e a aproximou mais.

— Te amo, Eve.

— S im, sim. —Mas sorria outra vez quando envolveu seus braços ao redor dele.

* * *

Por regra geral, ficar como uma estúpida com o traseiro em uma mesa, em um clube onde o entretenimento incluía música que ameaçava os tímpanos não era a

ideia da Eve de um bom momento.

Mas quando desafogava um bom aborrecimento, convinha ter aos amigos ao redor.

A mesa estava abarrotada com o melhor de N ova York. S eu traseiro estava apertado entre o de Roarke e o de Feeney, o capitão da D ivisão de D etetives Eletrônicos. A cara normalmente envergonhada do Feeney estava inerte com assombro enquanto olhava acima ao cenário.

A o outro lado do Roarke, a doutora Mira, elegante apesar do ambiente, bebia um Brandy A lexander e olhava o entretenimento. um grupo de três pessoas cujos

trajes eram pintura de corpo branca, azul e vermelha dançando grosseiramente, trash rock, jazz e canções tradicionais americanas. Completando a mesa estava Morris, o médico forense, e Peabody.

— Minha esposa não deveria ter se deitado. —Feeney sacudiu sua cabeça. — Tem que ver para acreditar.

— Um inferno de espetáculo, — esteve de acordo Morris. Sua trança comprida e escura estava envolta com um laço prateado, e as lapelas de sua jaqueta até a panturrilha cintilavam com o mesmo brilho.

Para um legista, pensou Eve, vestia-se na ultima moda.

— Mas D allas aqui —Morris lhe piscou os olhos— foi um grande ato de aquecimento.

— Rá-rá—respondeu Eve.

Morris sorriu com serenidade.

— A excelente Tenente embeleza a lenda dos policiais sobre os tradicionais guarda-costas, na convenção de aplicação da lei em um *resort* de luxo fora do planeta. Conseguiste fazer toda uma abertura.

— Bonito golpe de esquerda, — comentou Feeney. — Boa continuação com a patada. Skinner é um imbecil.

— Por que diz isso, Feeney? —Peabody exigiu. — Ele é um ícone.

— Q uem disse que os ícones não podem ser imbecis? —ele disparou. — Gosta de distinguir como ele venceu as Guerras Urbanas sem ajuda. Está todo o tempo falando delas como se tudo se tratasse de dever, romance e patriotismo. Como foi, tratou-se de sobrevivência. E foi feio.

— É típico para alguns que estiveram em combate idealizá-lo, — interpôs Mira.

— N ão há nada romântico em cortar gargantas ou ver a Q uinta Avenida suja com partes de corpos.

— Bem, isso é alegre. —Morris empurrou o copo novo do Feeney diante dele.

— Tome outra cerveja, Capitão.

— O s policiais não cacarejam sobre fazer o trabalho. —Feeney bebeu sua cerveja. — S ó o fazem. Estou contigo, D allas, ajudarei você a baixar essa valentia

deles.

Como o licor e seu humor a puseram sentimental, ela o cravou afetuosamente com seu cotovelo.

— A poste seu traseiro. Podemos ir encontrá-los e golpear a esses descerebrados. Você sabe, iria completar o entretenimento da noite.

Roarke pôs uma mão em suas costas quando um de seus empregados de segurança se aproximou da mesa e se inclinou para sussurrar em seu ouvido. O humor desapareceu de seu rosto quando afirmou com a cabeça.

— A lguém ganhou a mão — anunciou ele. — Temos o que ficou de um corpo na escada entre os pisos dezoito e dezenove.

Capítulo Três

Eve estava de pé no alto da escada. A s paredes, uma vez brancas, estavam salpicadas com sangue e matéria cinzenta. Um rastro asqueroso de ambos escorria

pela escada. O corpo estava convexo nelas, de barriga para cima.

Tinha ficado bastante de seu rosto e cabelo para que ela o identificasse como o homem cujo nariz tinha quebrado algumas horas atrás.

— Parece que alguém estava muito mais zangado que eu. S eu homem conseguiu algum selante? —perguntou ao Roarke.

Quando Roarke lhe deu uma lata de Seal-It, o spray selante, cobriu suas mãos, e seus sapatos.

— Poderia usar um gravador de lapela. Peabody, ajude a segurança do hotel a manter os lances da escada bloqueados. Morris. —Lhe lançou a lata. — Comigo.

Roarke lhe deu o gravador de lapela de seu guarda de segurança. D eu um passo adiante. Eve simplesmente pôs uma mão sobre seu peito.

— N ada de civis... embora possuam o hotel ou não. Espere aqui. Por que não libera o confisco dos discos de segurança deste setor do hotel para o Feeney? I sto economizará tempo.

Ela não esperou uma resposta, mas sim deu uma olhada para o corpo. E ficou de cócoras.

— N ão foi com os punhos. —Ela examinou seu rosto. Um lado estava quase fundo, o outro em grande parte ileso. — O braço esquerdo está esmagado. O tipo era canhoto. D escobri isso na recepção. Provavelmente atacaram pelo lado esquerdo primeiro. Incapacitando-o.

— D e acordo. D allas? —Morris sacudiu sua cabeça em direção ao andar dezessete. Um taco de beisebol metálico grosso tingido de sangue descansava um pouco mais abaixo na escada,. - I sso resolve o problema. Posso consultar com o forense local na autópsia, mas um olhar preliminar me diz que é a arma. Q uer que desenterre alguns sacos para guardar provas, e a unidade de cena do crime ?

Ela começou a falar, parando antes para respirar fundo. O cheiro da morte

estava em suas narinas, e era muito familiar.

— N ão é nosso território. Temos que comunicar à estação de polícia local.

Maldição.

— Há formas de contorná-lo, com seu homem possuindo o lugar.

— Talvez. —Ela colocou um dedo selado em um atoleiro de sangue, e tocou um pedaço de metal e prata. E reconheceu a estrela das divisas da segurança do hotel.

— Q uem seria o bastante estúpido para matar um homem a pauladas em um hotel cheio de policiais? —perguntou-se Morris.

Ela sacudiu sua cabeça, e ficou de pé.

— Vamos sair daqui. —Q uando ela alcançou o topo das escadas, explorou o vestíbulo. S e tivesse estado em N ova York, daria agora ao corpo um exame minucioso, estabeleceria a hora da morte, juntaria dados e provas na cena do crime. Chamaria a sua unidade de cena do crime, os investigadores, e enviaria uma

equipe para fazer o porta a porta.

Mas não estava em Nova York.

— Sua segurança notificou à estação de polícia? —ela perguntou ao Roarke.

— Estão a caminho.

— Está bem. Perfeito. Manteremos a área assegurada e ofereceremos toda a ajuda possível. —D eliberadamente, apagou seu gravador. — N ão tenho autoridade

aqui. Tecnicamente, não deveria ter entrado na cena do crime. Tive uma briga anterior com a vítima, e isto o faz mais pegajoso.

— Possuo este hotel, e tenho um interesse fundamental nesta estação. Posso solicitar a ajuda de qualquer agente de aplicação da lei.

— S im, então temos isso claro. —Ela o olhou. — Um de seus seguranças perdeu uma estrela. Está ali abaixo, coberta de fluido humano.

— S e um de meus empregados é responsável, terá minha total cooperação para identificá-lo e detê-lo.

Ela inclinou a cabeça outra vez.

— Então temos isso claro, também. Q ual é seu sistema de segurança para este setor?

— Câmeras de alcance completo. corredores, elevadores e escadarias. Isolamento acústico completo. Feeney foi buscar os discos.

— Ele terá que entregá-los à polícia. Como é um homicídio, têm um máximo de setenta e duas horas antes de ver-se obrigados a repassar a investigação à A LI .

Já que a ALI tem gente na estação, seriam sensatos em repassá-la agora.

— É isso que você quer?

— Não se trata do que quero. Olhe, o caso não é meu.

Ele tirou um lenço de seu bolso e limpou a mancha de sangue de sua mão.

— Não?

Logo ele voltou-se quando a chefe de polícia saiu do elevador.

Eve não tinha estado esperando uma mulher escultural em um diminuto vestido negro com suficiente cabelo para encher um colchão. Q uando ela se se aproximou, usando saltos muito altos, Eve ouviu a opinião reverente do Morris.

— Ulala!

— Jesu! Tente manter sua dignidade, —repreendeu Eve.

A mulher se deteve e a examinou rapidamente.

— Roarke, —ela disse com uma voz que evocava imagens de quentes noites no deserto.

— Chefe. Tenente Dallas, DPSNY Doutor Morris, Médico forense de Nova York.

— S im. D arcia A ngelo. Chefe de Polícia do O lympus. Perdoe meu aspecto. Estava em um dos eventos de recepção. I nformaram-me que temos um possível homicídio.

— Homicídio confirmado, — Eve lhe disse. — A vítima é um homem, caucásico, de trinta e cinco a quarenta anos. Espancado. A arma, um taco de beisebol metálico, foi deixada na cena. O exame visual preliminar indica que ele estava morto há menos de duas horas.

— Houve um exame preliminar? —Darcia perguntou. Friamente.

— Sim.

— Bem, não discutiremos por isso. Verificarei pessoalmente antes de que

minha equipe chegue.

— Está sujo lá embaixo. —Com tranquilidade, Eve lhe deu a lata de spray selante.

— O brigado. —D arcia retirou seus sapatos de noite. Eve não podia criticá- la por isso. Ela fez o mesmo, conforme recordou. Q uando ela havia terminado, devolveu a lata a Eve. D arcia tirou um pequeno gravador de sua carteira, prendeu-o onde o tecido de seu vestido baixava para rodear seus peitos.

Morris soltou um comprido suspiro quando ela entrou embaixo da escada.

— O nde as encontra? —ele perguntou ao Roarke. — E como posso conseguir uma para mim?

Antes de que Eve pudesse grunhir, Feeney entrou rapidamente pelo corredor.

— A chei uma brecha nas gravações dos discos, — anunciou ele . — A s câmeras da escada foram anuladas durante um período de cinquenta minutos. O btém-se somente estática ali, e estática por dois intervalos de sessenta segundos no corredor do vigésimo piso. A lguém sabia o que fazia, — acrescentou. — É um sistema complicado, com um plano de apoio infalível. Fê- lo um profissional. com acesso.

— Com aquele marco de tempo teriam que haver ao menos duas pessoas implicadas, — declarou Eve. — Premeditado, não impulsivo, não um crime

passional.

— Conseguiu uma identificação da vítima? Posso pedir uma verificação de antecedentes.

— O chefe de polícia está na cena, — disse Eve rotundamente.

Por um momento Feeney pareceu em branco.

— O H, claro. Esqueço que não estávamos em nosso *lar, doce lar.* O s locais vão tirar-nos?

— Você não esteve, — disse D arcia quando saiu debaixo da escada—, jamais - oficialmente - dentro da cena.

— A o contrário, — Roarke lhe disse. — S olicitei a ajuda da tenente e sua equipe.

A irritação cruzou através do rosto de Darcia, mas a controlou rapidamente.

— Como é seu privilégio. Tenente, posso ter um momento de seu tempo? — Sem esperar uma resposta, Darcia se afastou pelo corredor.

— A rrogante, territorial, insistente. —Eve fulminou Roarke com o olhar. — Sem dúvida sabe escolher.

Ele só sorriu quando sua esposa se retirou.

— Sim, sem dúvida sei.

— O lhe, A ngelo, se quer brigar pelo que houve aqui, perde seu tempo e o meu. —Eve retirou seu gravador de lapela e o ofereceu. — Verifiquei um homicídio, a pedido do dono da propriedade. Logo retrocedi. N ão quero seu

trabalho e não quero seu caso. Estou satisfeita circulando pelo sangue em N ova York.

Darcia apartou sua juba de cabelo negro lustroso.

— Há quatro meses eu prendia distribuidores ilegais na Colômbia, arriscando minha vida todos os dias e mal era capaz de pagar o aluguel em um imundo apartamento de dois quartos. N o clima atual, os policiais não são apreciados em meu país. Eu gosto de meu novo trabalho.

Ela abriu sua carteira, e deixou cair dentro o gravador de Eve.

— Meu emprego está em perigo se me negar a entregar este caso à esposa de meu chefe?

— Roarke não luta minhas batalhas e não despede seus empregados porque não conseguem estar de acordo comigo.

— Perfeito. —D arcia acenou. — Trabalhei em ilegais, fraude e roubo. D oze anos. S ou uma boa policial. O homicídio, entretanto, não é minha especialidade. N ão gosto de compartilhar, mas apreciaria qualquer ajuda que você e seus colegas

estejam dispostos a me dar sobre este assunto.

— Você terá . Como se daria isso?

— Simplesmente? Assim você e eu seríamos conscientes que é meu caso.

— Você tem que ser consciente que mais cedo esta noite soquei o morto na cara.

— Por que? —Darcia perguntou com receio.

— Interpôs-se em meu caminho.

— J á percebo. S erá interessante averiguar se você e eu podemos resolver este assunto sem nos metermos uma no caminho da outra.

D uas horas mais tarde, pelo bem da conveniência, as duas forças de investigação se reuniram no escritório local do Roarke.

— A vítima é identificada como Reginald Weeks, trinta e oito anos. Residência atual em Atlanta, na Georgia, Terra. Casado, sem filhos. Chefe atual, D ouglas R. S kinner, I ncorporado. Função segurança pessoal. —D arcia terminou e inclinou sua cabeça para Eve.

— O exame do corpo mostra um trauma maciço. —Eve seguiu o relato. — A causa da morte, com maior probabilidade, é fratura de crânio. A parte esquerda da cabeça e do corpo foi gravemente golpeada. A vítima era canhota, e este método de ataque indica um conhecimento prévio. A segurança embaixo da escada e do vigésimo andar foi manipulada antes e durante o ato. Um taco de beisebol metálico foi tomado como prova e se presume é a arma homicida. Também tomado como prova um broche prateado em forma de estrela, identificado como parte do uniforme da equipe de segurança do hotel. Chefe Angelo?

— O s antecedentes até agora recuperados de Weeks não mostram atividade

criminal. Ele estava em seu emprego atual há dois anos. A nterior a isso, foi

empregado do Right A rm, uma empresa que faz a segurança pessoal e consultoria

de segurança para membros do Partido Conservador. A ntes disso esteve com os

militares, Patrulha de Fronteira, durante seis anos.

— I sso nos diz que ele sabe seguir ordens, — seguiu Eve . — Ele me

enfrentou esta noite porque S kinner ou um dos guarda costas, deram a ordem para

fazer. Ele me atacou pela mesma razão. Era treinado, e foi bastante bom para durar

seis anos na Patrulha de Fronteira e conseguir um trabalho no Right A rm, N ão é o

tipo de pessoa que entraria embaixo da escada com um desconhecido, inclusive sob

pressão. S e tivesse sido atacado no corredor, haveria algum sinal disso. S e o

apanharam no vigésimo andar, que demônios fazia ali? S eu quarto, a sala de

reuniões da segurança e a suíte de Skinner estão todos no vigésimo sexto .

— Poderia estar com uma mulher. —Fenney estirou as pernas. — Casinhos de

convenções.

— Esse é um ponto — admitiu Eve . — Todas as provas assinalam que foi um

ataque planejado, mas uma mulher poderia ter sido utilizada como chamariz.

Precisamos confirmar ou eliminar isso. Quer comprová-lo, Feeney?

— O capitão Feeney pode auxiliar meus oficiais nessa área da investigação. —

D arcia simplesmente levantou suas sobrancelhas quando Eve se voltou para ela. —

S e ele estiver de acordo. Como espero que estará ao continuar trabalhando com a

equipe de segurança do hotel.

— S omos um grupo extremamente agradável — disse Eve com um amplo

sorriso.

— Excelente. Então você não tem nenhum problema em me acompanhar ao

vigésimo sexto andar para informar ao chefe da vítima de sua morte.

— N enhum. Peabody, minha ajudante, vai comigo, — Eve indicou antes que

D arcia pudesse falar. — N ão é negociável. Peabody — disse Eve outra vez, lhe

fazendo gestos quando saiu do quarto e deixou D arcia lhe atribuindo a seus oficiais

tarefas diferentes. — Quero seu gravador ligado quando falarmos com Skinner.

— Sim, *senhora*.

— S e me demorar, vou precisar de você para arrancar informações do legista

local. S e não puder consegui-lo, chame o Morris e peça para ele usar sua influência,

a mesma aproximação no campo.

— Sim, *senhora*.

— Q uero encontrar o segurança do qual veio a estrela. Temos que investigar

os recicladores, o camareiro, além de limpar as fontes. S erei amistosa com a equipe

local. Q uero saber o minuto em que os investigadores e os relatórios das unidades

de cena do crime cheguem. A posto que vai haver rastros de spray selante naquele

taco de beisebol, e sangue de ninguém mais além da vítima na cena. Uma fodida

emboscada —queixou-se, e deu volta quando Darcia saiu.

Darcia não disse nada até que estivessem dentro do elevador.

— Tem uma história com o Douglas Skinner, Tenente?

— Não. Não antes desta noite.

— Minha informação é que ele especificamente a chamou a sua mesa para

falar com você em particular. Você, pelo visto, teve palavras de desacordo e quando

a vítima tentou lhe impedir de deixar a mesa, você o golpeou. Seria isso exato?

— Exato.

— Quais foram essas palavras de desacordo entre você e Douglas Skinner?

— Sou suspeita neste caso ou uma colaboradora?

— É uma colaboradora, e como tal apreciaria saber o que houve de ambos os

lados.

— Pensarei nisso. —Eve saiu no vigésimo sexto andar.

— Se não tem nada que esconder.

— S ou policial — Eve lhe recordou . — Essa frase não funciona comigo. —

Tocou a campainha, e esperou. Ela olhou a luz de segurança piscar para verde,

manteve seu rosto inexpressivo enquanto ela e seus companheiros foram examinados. Momentos depois Skinner abriu a porta ele mesmo.

— Tenente. É um pouco tarde para fazer visitas.

— Nunca é muito tarde para visitas oficiais. Chefe Angelo, Douglas Skinner.

— Perdoe a intromissão, Comandante S kinner. —A voz da D arcia era baixa e respeitosa, seu rosto placidamente sério. — Temos notícias ruins. Podemos entrar?

— É obvio. —Ele retrocedeu. Vestia uma bata branca larga proporcionada pelo hotel, e seu rosto estava pálido. A grande área de estar estava fracamente iluminada e perfumada de rosas. Pediu as luzes a dez por cento e acenou para o sofá.

— Por favor, senhoras, sentem-se. Posso lhes servir algo? Café, possivelmente?

— N ão estamos aqui para conversar. O nde estava você entre as vinte e duas horas e a meia-noite?

— Eu não gosto de seu tom, Tenente.

— Por favor, nos perdoe. —D arcia interveio brandamente. — foi uma noite difícil. Poderia lhe pedir que verificasse seu paradeiro, como uma formalidade?

— Minha esposa e eu subimos a nossa suíte um pouco depois das dez. Retiramo-nos cedo, já que tenho um dia comprido programado para amanhã. O que aconteceu?

— Amassaram os miolos de Weeks — disse Eve.

— Weeks? Reggie? —S kinner cravou os olhos em Eve. A queles duros olhos azuis se alargaram, obscureceram, e pareceram escurecer sua pele quando o choque trocou à fúria. — Morto? O garoto está morto? Têm que comprovar o paradeiro de Roarke! O u chegaria inclusive a encobrir o assassinato para protegê-

lo? Ela atacou Weeks só faz algumas horas. — apontou a Eve. — Um ataque não provocado e cruel a um de meus homens porque lhe perguntei sobre sua aliança com um criminoso. Você é uma desonra para o distintivo.

— Um de nós é, — Eve concordou quando S kinner se afundou em uma cadeira.

— Comandante. —D arcia interpôs. — S ei que isto é um choque para você. Q uero lhe assegurar que o D epartamento de Polícia do O lympus persegue ativamente todas as vias de investigação.

D urante um momento ele não disse nada, e o único som foi sua rápida, e trabalhosa respiração.

— Não a conheço, Chefe Angelo, mas sei quem lhe paga. Não tenho confiança em sua investigação enquanto seja financiada pelo Roarke. A gora, me desculpe. N ão tenho nada mais que dizer neste momento. Tenho que entrar em contato com

a esposa do Reggie, e lhe informar que ficou viúva.

Capítulo Quatro

— Bem, isso foi bom. —Eve deu um levantar de ombros quando se dirigiu de retorno ao elevador.

— Se alguém não se importa ser acusado de idiota ou de ser um policial sujo.

Eve apertou o botão do elevador.

— Nunca ouviu sobre sobre paus e pedras na Colômbia?

— Eu não gosto disso. —O bviamente enraivecida D arcia entrou rapidamente no elevador. — E eu não gosto de seu Comandante Skinner.

— Ouça, ele não é meu.

— Ele implica que Roarke é quem manda em mim. Por que assume isso, e por que acredita que Roarke é responsável pela morte do Weeks?

A mulher tranquila e respeitosa se tinha ido, e em seu lugar estava uma policial de olhos duros e com aço em sua voz. Eve começou a ver como D arcia Angelo manteve-se por doze anos na Colômbia.

— Uma razão é que Weeks me enfureceu, e já que sou uma fêmea procriadora e nutridora, estaria à altura de meu guerreiro, meu defensor, meu marido-que-tem-

pênis, matá-lo.

— O H. —D arcia chupou suas bochechas. —Essa é uma atitude que reconheço. Em todo caso, salpicar os miolos de um homem é muito desmedido para uma infração tão menor. Um salto muito grande na conclusão que o comandante fez. Há mais.

— Poderia ser. N ão o deduzi ainda. Enquanto isso, S kinner estava incrivelmente acordado para alguém que já havia se deitado. E enquanto as luzes na área de estar estavam baixas quando entramos estavam acesas no dormitório ao fundo à direita. Não fechou a porta de todo quando saiu.

— Sim, notei isso.

— A suíte está situada segundo o mesmo plano básico do andar em que estou. S egundo dormitório ao fundo à esquerda. Havia uma luz acesa ali, também.

Sua esposa tinha aquela porta meio aberta. Escutava.

— N ão percebi isso, — refletiu D arcia, que olhou para trás quando Peabody bufou.

— Ela o perdeu, também, — disse Eve . — O deia isso. E se Belle S kinner escutava às escondidas no segundo dormitório, não estava em parceria com o comandante no quarto principal, verdade? N ada de felicidade conjugal, o que é interessante. E nenhum álibi.

— Que motivo teria Skinner para matar um de seus próprios guarda- costas?

— É algo no que se pensar. Q uero comprovar algumas coisas. —Ela deteve o elevador para que tanto Darcia como Peabody pudessem sair. — Voltarei.

Estar disposta a apenas colaborar com D arcia A ngelo não significava que não pudesse fazer alguns movimentos próprios. S e for meter-se de cheio em uma investigação de assassinato fora de sua própria jurisdição, fora de seu sistema

habitual e quando sua insígnia era pouco mais que um objeto de moda, ia fazer uso

de todas os acessórios disponíveis.

Havia um acessório em particular que sabia ser muito versátil e flexível.

Ela estava casada com ele.

Encontrou Roarke, como tinha esperado, trabalhando no computador do dormitório. Havia tirado seu smoking, e enrolado suas mangas. Havia uma cafeteira a seu lado.

— O que conseguiu? —Ela recolheu sua caneca e tomou de um gole metade de seu café.

— N ada que me vincule ou alguns de meus empreendimentos comerciais com o Skinner. Tenho alguns interesses em Atlanta, naturalmente.

— Naturalmente.

— Comunicações, eletrônica, entretenimento. Bens imóveis, é obvio. —Ele recebeu o abraço dela, e ociosamente esfregou seu traseiro com sua mão livre.

— E durante um encantador intervalo antes de minha associação com você, uma empresa de contrabando bastante proveitosa. Infrações federais.

— Infrações — ela repetiu.

— Poderia dizer assim. N ada que me colocasse contra autoridades estatais ou locais.

— Então passou algo por alto, porque é pessoal para ele. N ão tem nenhum

sentido de outra forma. Você não é o cara mais malvado.

— Agora você machucou meus sentimentos.

— Por que está implicando contigo? —reclamou, ignorando-o. — Cinquenta anos como policial, ele teria visto tudo. E teria perdido mais que suficiente. Há assassinos brutais ali fora, pedófilos, predadores sexuais, canibais, pelo amor de D eus. Então, por que tem tanto ressentimento? Esteve retirado do serviço ativo, uns seis anos, e.

— Sete.

— S ete, então. S ete anos. E se aproxima de mim com o que poderia ser considerado um suborno ou chantagem, segundo seu ponto de vista, para me pressionar a me voltar contra você. Foi arrogante e mal intencionado.

Ela pensou atentamente enquanto andava de um lado para outro do quarto.

— N ão acredito que ele esperava que funcionasse. S uspeito que esperava que eu lhe dissesse que se fudesse. D esse modo poderia nos fazer cair em desgraça juntos e caçar dois por um.

— Não pode te tocar. ou a mim, em realidade.

— Pode esquentar as coisas nos implicando em um homicídio. E joga os alicerces. Me provoca em um evento público, obriga a um de seus macacos a me enfrentar. Segue uma briga. Um par de horas mais tarde, o macaco tem seus miolos

salpicados por toda parte da escada de um hotel da *Roarke Enterprises*. e o que há! O

qual é uma pista, S herlock, e uma muito boa, também. Um broche de estrela de um

dos seguranças da *Roarke Securities,* flutuando no sangue da vítima.

— Não especialmente sutil.

— Ele não tem tempo para ser sutil. Tem pressa — continuou ela . — N ão sei

por que, mas apressa as coisas. Empurra a prova circunstancial garganta abaixo das

autoridades locais e eles têm que perseguir a possibilidade de que o marido

irritado e suspeito rufião interplanetário, ordenasse a um de seus próprios macacos

que ensinassem a Skinner uma lição.

— Tocou a minha esposa, e agora tenho que te matar? —O encolhimento de

ombros do Roarke foi elegante e descuidado. — Parece dramático, parece

idealizado. Em particular já lhe deu um murro na cara, antes que eu pudesse ir ao

resgate.

— Em seu pequeno mundo estreito, os homens são os caçadores, os

defensores. Funciona quando olha de sua janela. Entretanto, é outro cálculo

equivocado, porque não é seu estilo. S e você quer arrebentar a golpes a alguém, o

faz você mesmo.

Ele sorriu carinhosamente.

— Eu gosto muito mais de te ver fazê-lo, querida.

Ela o fulminou com o olhar.

— Prova teus padrões, ou qualquer perfil chutaria a teoria longe. N ão é do tipo que pagaria alguém para bater no cara até matá-lo, ou que se sentiria chutado no saco só porque alguém se meteu comigo. Poderíamos fazer com que Looky te fizesse um prova Nível Um só para deixá-lo de lado.

— Não, obrigado, querida. Mais café?

Ela grunhiu, caminhou pelo quarto um pouco mais enquanto ele se levantava para ir ao mini AutoChef por um café fresco e xícaras.

— É um quadro descuidado. O negócio é que S kinner acredita que você é capaz, e se ele lançar dúvidas o suficiente para a A LI fazer uma investigação, isso poderá te arruinar. e a mim por associação.

— Tenente, a A LI me investigou no passado. N ão me preocupam. O que acontece é que se isto for mais longe, sua reputação e carreira poderiam sofrer danos. N ão tolerarei isso. Penso que o comandante e eu deveríamos ter um bate-papo.

— E você acha que não é com isso que ele está contando? —ela perguntou.

— E porque deveria desapontá-lo? —Com a xícara de café na mão, sentou-se sobre o braço de sua cadeira. — Compilei dados pessoais e profissionais sobre o S kinner. N ada em particular parece relevante, mas não estudei seus históricos em profundidade. Ainda.

Eve baixou o café que ele acabava de lhe servir com um pequeno estalo da louça na madeira.

— Históricos? Pirateou seus históricos? Está louco? Ele recebe um sussurro disso, e estará até o pescoço de processos e na prisão antes que seus elegantes advogados possam atar suas elegantes gravatas.

— Ele não obterá o sussurro.

— CompuGuard... —Ela se deteve, e olhou carrancuda a unidade do dormitório. CompuGuard monitorava todas as transmissões eletrônicas e a programação dentro ou fora do planeta. Embora consciente que Roarke tinha um centro informacional não registrado em casa, o sistema do hotel era um assunto diferente. — Está me dizendo que esta unidade não está registrada?

— É obvio que não. —S ua expressão era inocente como um menino do coro.

— Está devidamente registrada e cumpre todas as exigências legais. O u o fazia até

um par de horas.

— Não pode infiltrar CompuGuard em umas horas.

Roarke suspirou pesadamente, e sacudiu sua cabeça.

— Primeiro machuca meus sentimentos, agora me insulta. N ão sei por que aguento este abuso.

Então ele se moveu rápido, agarrando-a, arrastando-a contra ele e esmagando sua boca com um beijo tão fogoso que ela se perguntou se seus lábios fumegavam.

— OH, sim. —Ele a liberou e recolheu seu café outra vez. — Por isso.

— S e supunha que isto me distrairia do fato que bloqueou ilegalmente o CompuGuard e obteve dados oficiais, deu certo. Mas a decepção foi sua. I a te pedir que desenterrasse os dados.

— É realmente você, Tenente? Nunca deixa de me surpreender.

— Golpearam-no até que seus ossos virassem pó. —S eu tom foi lacônico, plano. Toda policial. — A pagaram a metade de seu rosto. E deixaram a outra metade limpa para que assim pudessem reconhecê-lo logo que o vissem. N o momento em que ficou diante de mim esta noite, esteva morto. Eu fui a maldita arma homicida. —Ela voltou o olhar para o computador. — Bem, vamos trabalhar.

* * *

D esenterraram casos do S kinner durante a última década do serviço ativo e fizeram referências cruzadas com algo relacionado a eles durante os sete anos de sua aposentadoria. A isso acrescentaram o tempo antes que Roarke tivesse chegado da Irlanda, mas pareceu um lugar lógico por onde começar.

Como o número de casos era enorme, dividiram-nos. Eve trabalhou na unidade do dormitório principal, e Roarke se estabeleceu no segundo dormitório.

Às três, as têmporas de Eve palpitavam, seu estômago estava em carne viva pelo consumo de cafeína. E ela tinha desenvolvido uma nova e ativa admiração

pelo Comandante Skinner.

— Maldito bom policial — reconheceu ela. Cuidadoso, enfocado, e até seu

retiro, aparentemente se tinha dedicado, em corpo e alma, ao trabalho.

Como se tinha sentido ao apartar-se de tudo isso? Ela se perguntou. Tinha

sido sua decisão, depois de tudo. A os sessenta e quatro, o retiro era uma opção,

não uma exigência. Ele facilmente pôde ter seguido outros dez anos em atividade.

Poderia ter chegado a delegado.

Em troca, tinha se aposentado aos cinqüenta e usado isso como um

trampolim para uma carreira ao Congresso. E tinha um cansaço em seu rosto. Meio

século de serviço público não tinha sido suficiente para rebater os pontos de vista

tão estreitos que inclusive os mais caluniadores do Partido Conservador se

negaram. A crescentando a isso, seu programa balançou desigualmente de um lado

a outro.

Ele era um ferrenho partidário da Proibição de A rmas, algo que os

Conservadores tratavam de modificar em cada oportunidade. Também defendeu o

retorno da pena de morte, o que alienou os liberais do centro até a extrema

esquerda.

Pretendeu acabar com a prostituição legal e suprimir todos os benefícios

legais e fiscais para a co-habitação de casais. Pregou sobre a santidade do matrimônio, contanto que fossem heterossexuais, mas repudiou o estipêndio do governo para mães profissionais.

A maternidade, segundo o evangelho do S kinner declarava, era um dever dado por Deus e um pagamento em seu próprio direito.

S uas opiniões contraditórias e complicações de campanha haviam caído em chamas. Por mais que ele tenha se recuperado financeiramente via conferencias, livros, e consultorias, Eve supôs que ainda levava as queimaduras daquele fracasso.

Entretanto, não podia ver como se relacionava Roarke com isso.

Esfregando a testa, se levantou para dissipar os nós. Talvez reagisse exageradamente. Q ueria que fosse pessoal para o S kinner porque ele o tinha tornado pessoal para ela? Talvez Roarke não fosse mais que um símbolo para o S kinner. A lguém que tinha escorregado do sistema ao qual S kinner tinha dedicado

sua vida.

Examinou seu relógio. Talvez se dormisse alguns minutos, estaria como nova pela manhã. Faria malabarismos com os primeiro dados, de modo que quando olhasse outra vez estivesse tudo mais claro. A lgo lhe estava escapando -e seu instinto ainda lhe dizia que lhe faltava algo- poderia sair à superfície.

— Computador, estimar todas e quaisquer referências ao Roarke... —Ela bocejou enormemente, e sacudiu sua cabeça para afastar o sono. — Todos os

arquivos, pessoais e profissionais, sob o comando do Comandante S kinner,

Douglas.

Processando...

— Liste as referências por ordem cronológica, primeiro ao último, um... Me dê

os antecedentes penais primeiro, seguido de arquivos pessoais.

Entendido. Processando.... N enhuma referência a Roarke nos registros policiais sob o

comando do Comandante Skinner, D ouglas. Referência sob o comando do Capitão Skinner,

Douglas somente.... estimando arquivos pessoais...

— S im, pois segue dizendo isso, mas... —Eve girou ao redor, e cravou os olhos

no monitor. — Computador, pare. Liste toda e qualquer referência para Roarke e

Skinner, Douglas, qualquer grau que seja.

Processando... listada primeira referência ao Capitão Skinner, D ouglas, histórico C-

439014, a Roarke, aliás Patrick O H ara, Sean, aliás M acN eil, Thomas, gravada em doze

de março, dois mil e trinta e seis. Roarke, suspeito de transporte ilegal de armas, entrada

ilegal nos Estados U nidos, furto e conspiração para assassinar policiais. Acredita-se que o

sujeito fugiu da área de Atlanta, e posteriormente do país. Última residência conhecida,

D ublim, I rlanda. H istórico de dados completos, investigadores disponíveis. D eseja um

histórico completo?

— Sim. Em cópia impressa.

Processando...

Eve se sentou outra vez, lentamente, enquanto o computador processava.

2036, pensou. Vinte e três anos atrás. Roarke teria o que, doze, treze anos?

Não era Roarke a raiz da obsessão de Skinner.

Era o pai de Roarke.

* * *

Em sua própria unidade, Roarke examinou as camadas das finanças de

S kinner. Entre os motivos mais claros para o assassinato estava avareza, vingança,

ciúmes, sexo, medo da desonra e lucro. Portanto seguiria primeiro o dinheiro.

Havia uma possibilidade, tinha decidido, que S kinner tivesse investido em

uma de suas companhias. ou de um competidor. Possivelmente tinha perdido uma

quantidade de dinheiro substancial. O s homens tinham odiado aos homens por

menos.

E economicamente S kinner tinha sofrido uma surra durante sua candidatura

ao Congresso. Tinha-lhe deixado quase quebrado, assim como humilhado.

— Roarke.

— Hmm. —Ele levantou um dedo para segurar Eve quando entrou ela no

quarto. — Comunicações, — disse ele . — Tenho participações em meios de

comunicações de Atlanta, e eles foram muito pouco amáveis com S kinner durante

sua candidatura ao Congresso. I sso teria pesado muito contra suas possibilidades

de ganhar. O *N etwork Link* é totalmente meu, e eles foram completamente cruéis.

Exatos, mas cruéis. A crescentado a isso, ele investiu bastante pesado na *Corday*

Electronics, estabelecida em Atlanta. Minha própria companhia liquidou seus lucros

e base de clientes constantemente pelos últimos quatro anos. N a realidade deveria

liquidá-los de uma vez com uma absorção — acrescentou como uma ocorrência

posterior.

— Roarke.

— S im? —Ele se moveu distraidamente para tomar sua mão enquanto seguia

levantando dados.

— Vai mais à frente que a política e opções de compra. Vinte e três anos atrás,

traficantes de armas ilegais estabeleceram uma base em Atlanta, e S kinner dirigiu

a unidade especial formada para capturá-los. Eles tinham uma doninha no interior,

e informação sólida. Mas quando entraram, era uma armadilha. As doninhas jogam

em ambos os lados, e todos nós sabemos.

Respirou profundamente, esperando dizer-lhe do modo que deveria ser dito.

O amor a envolveu como frequentemente, talvez mais que frequentemente, o que acalmava as coisas para ela.

— Treze policiais foram assassinados, — continuou ela — mais seis feridos.

Eles foram superados, mas apesar disso, S kinner desarticulou o bando. O bando perdeu a vinte e dois homens, sobre tudo soldados. E ele pôs em sacos os dois da linha superior essa noite. I sso conduziu a duas buscas nos seguintes doze meses. Mas ele perdeu um. Não pôde nunca agarrar a um.

— Q uerida, pude ter sido precoce, mas aos doze ainda não transportava armas, a menos que conte umas quantas portáteis ou ressonadores caseiros vendidos em becos. E não tinha me arriscado além de D ublim. A lém disso, atuar como uma doninha, isso é algo a que nunca me rebaixei.

— Não. —Ela seguiu contemplando seu rosto. — Não você.

E observou seus olhos escurecerem e esfriarem quando entendeu.

— Ok, claro, —disse ele, muito brandamente. — Filho da puta.

Capítulo Cinco

Q uando era menino Roarke tinha sido o alvo favorito dos punhos e das botas de seu pai. Ele frequentemente os tinha sentido, evitado quando era possível e vivido com eles quando não.

Q ue ele soubesse, era a primeira vez que o velho imbecil lhe tinha dado um murro da tumba.

A inda assim, sentou-se bastante tranquilamente, lendo a cópia impressa dos relatórios que Eve havia lhe trazido. Estava muito longe do garoto fraco, e maltratado que tinha se criado pelos becos do D ublim. Embora não lhe preocupava muito ter que lembrar-se disso agora.

— Esta traição ocorreu alguns meses antes que meu pai terminasse na sarjeta com uma faca em sua garganta. Pelo visto alguém ganhou de S kinner. Ele tem aquele assassinato não resolvido em seu arquivo. Possivelmente ele o armou.

— N ão acredito. —Ela não estava completamente segura como abordar o assunto sobre seu pai e sua infância. Ele tendia a afastar-se de seu passado, enquanto que ela. bem, ela tendia a se chocar na muralha de seu passado não importava quão frequentemente, quão deliberadamente, ela mudasse de direção.

— Por que diz isso? O lha, Eve, não é o mesmo para mim como é para você. N ão precisa ser precavida. Ele não me perturba. Por que se meu pai escorregou pelos dedos de S kinner em Atlanta, ele não faria os preparativos para lhe cortar a garganta em Dublim.

— Primeiro, ele era policiala, não um assassino. N ão há registro no arquivo de que ele tenha localizado seu suspeito em D ublim. Há correspondência com a I nterpol e com autoridades irlandesas locais. Ele estava trabalhando nos trâmites de extradição caso seu suspeito estivesse em solo irlandês e possivelmente teria obtido a papelada e a autorização. I sso é o que ele queria — ela continuou, e se

levantou para percorrer o quarto. — Ele queria o bastardo de volta em sua própria

cidade, de volta onde ocorreu e seus homens foram assassinados. Q ueria um cara a

cara. Não o conseguiu.

Ela se voltou.

— S e ele o tivesse prendido, poderia ter fechado o caso, seguido adiante. E

não se veria forçado a ir atrás de você. Você é o que ficou do único e maior fracasso

pessoal e profissional de sua vida. Ele perdeu seus homens, e a pessoa responsável

por isso fugiu dele.

— Morto não seria suficiente, sem prisão, processo, e condenação.

— N ão, não seria. E aqui está você, rico, bem-sucedido, famoso e casado- pelo

amor de D eus- com uma policial. N ão necessito que a D ra. Mira me faça um perfil.

S kinner acredita que os perpetradores de certos crimes, incluindo qualquer crime

que dá como resultado a morte de um oficial de polícia, deveria pagar-se com sua

vida. Depois do devido processo. Seu pai fugiu disso. Você está aqui, você paga.

— Então está condenado à desilusão. Por vários motivos. Um, sou muito mais

preparado e esperto do que meu pai foi. —levantou-se, foi para ela, e passou um

dedo sobre a covinha em seu queixo. — E minha policial é melhor do que S kinner

alguma vez esperou ser.

— Tenho que detê-lo. Tenho que foder com mais de cinquenta anos de dever,

e detê-lo.

— S ei. —E sofreria por isso, pensou Roarke, como S kinner nunca o faria.

Como S kinner nunca poderia entender. — Precisamos dormir — disse e

pressionou seus lábios em sua testa.

* * *

Ela sonhou com D allas, e o quarto frio e asqueroso no Texas onde seu pai a

manteve. S onhou com frio, fome e medo inexprimível. A luz vermelha, do clube de

sexo do outro lado da rua, cintilava no quarto, sobre seu rosto. E acima do seu rosto

quando ele a agrediu.

S onhou com dor quando sonhou com seu pai. O rasgo de sua carne jovem

quando ele a forçava. O rangido do osso, seu próprio grito, quando ele fraturou seu

braço.

Sonhou com o sangue.

Como Roarke, seu pai tinha morrido por uma faca. Mas a que o tinha matado

tinha estado segura por sua própria mão aos oito anos.

N a cama grande e suave na luxuosa suíte, ela chorou como uma menina. A

seu lado, Roarke a aproximou e a abraçou até que o pesadelo acabasse.

* * *

Ela se levantou e estava vestida as seis. A elegante jaqueta que tinha terminado em sua mala se adequava bem sobre sua arma. O peso dela a fez se sentir mais em casa.

Usou o comunicador do quarto para ficar em contato com Peabody. A o menos ela assumiu que o vulto sob o montão de cobertas era Peabody.

— Quuu?

— Acorde— ordenou Eve. — Quero seu relatório em quinze minutos.

— Quem?

— Jesus, Peabody. Levante-se, vista-se. E venha aqui.

— Por que não peço algo para tomar no café da manhã? —sugeriu Roarke quando ela cortou a transmissão.

— Muito bem, peça para uma multidão. Vou espalhar um pouco de alegria e despertar todo mundo. —Ela vacilou. — Confio em meu pessoal, Roarke, e sei quanto posso lhes dizer. Não conheço a Angelo.

Ele continuou lendo os compromissos da manhã na tela..

— Ela trabalha para mim.

— Em todo caso, de uma fora ou de outra, isso acontece com uma em cada três pessoas do universo conhecido. Isso não me diz nada.

— Qual foi sua impressão dela?

— Afiada, inteligente, sólida. E ambiciosa.

— A ssim também foi a minha. —disse ele facilmente. — O u não seria chefe de polícia no O lympus. D iga a ela o que ela necessita saber. A história desafortunada de meu pai não me preocupa.

— Você conversará com Mira? —Ela manteve seu olhar fixo quando ele se levantou, e se voltou para ela. — Q uero chamá-la, quero um consultor. Falará com ela?

— N ão necessito um terapeuta, Eve. N ão tenho pesadelos. —Ele blasfemou brandamente, e passou uma mão por seu cabelo quando seu rosto ficou em branco e imóvel. — D esculpe. Merda. Mas cada um de nós dirige as coisas de forma diferente.

— E você pode cutucar e a cotoveladas encontrar maneiras de me ajudar. Mas eu não posso fazer isso por você.

O humor em sua voz aliviou grande parte de sua culpa sobre a menção de seu pesadelo.

— A pagar tela —ordenou e cruzou para ela. Tomou seu rosto em suas mãos. —D eixe-me dizer o que uma vez disse a Mira. não em consulta, nem em uma sessão. Você me salvou, Eve. —Ele a olhou piscar em choque. — O que você é, o que sinto por ti, o que somos quando estamos juntos me salvou. —Manteve seus olhos nos seus quando a beijou. — Chame o seu pessoal. Eu chamarei Darcia.

Ele estava quase fora do quarto antes que ela encontrasse sua voz.

— Roarke? —Ela nunca parecia encontrar as palavras como ele, mas estas

vieram fáceis. — Nós salvamos o um ao outro.

* * *

N ão havia forma de fazer com que o salão enorme e elegante parecesse uma

das salas de conferências da Central de Polícia. S obre tudo quando sua equipe se

abarrotava de bolos de nata, morangos do tamanho de bolas de golfe e de toucinho

verdadeiro.

Isso só serve para lhe recordar quanto odiava estar fora de sua própria

relva.

— Peabody, atualização.

Peabody teve que sacudir a imagem do anjo bom em seu ombro, sentado com

suas mãos corretamente dobradas, e o anjo mau, que colocava outro pão- doce de

nata em sua boca.

— A h, *senhora.* A autópsia foi terminada ontem à noite. D eixaram Morris

assistir. A causa da morte é um trauma múltiplo, mais especificamente a fratura do

crânio. Uma boa quantidade das lesões foi *post-mortem.* Ele está registrado em um

painel esta manhã, e tem seminário de legistas mais tarde hoje, mas Morris

arranjará cópias dos relatórios para você. A primeira coisa é que o exame de

toxicologia estava limpo.

— Os investigadores? —Eve exigiu.

— O s relatórios dos investigadores não estavam completos às ahnn, seis.

Entretanto, o que desenterrei confirmou sua crença. Há vestígios de spray selante

no taco de beisebol, e nem sangue ou fluido corporal salvo da vítima se encontrou

na cena. N enhum segurança que tenha perdido uma estrela foi encontrado até

agora. A equipe de A ngelo está fazendo a revista em recicladores, camareiros, além

de dos assistentes. Minha informação é que os uniformes são codificados com o

número de identidade do indivíduo. Quando encontrarmos o uniforme, poderemos

rastrear o dono.

— Q uero aquele uniforme — Eve declarou e quando ela se voltou para

Feeney, o anjo mau ganhou. Peabody comeu outro bolo.

— Teve que ser um trabalho de dentro nas câmeras de segurança — disse ele .

— N inguém tem acesso ao controle sem scanner de retina, ter a palma

esquadrinhada e autorização de código. D esviar é complicado e foi feito

habilmente. D oze pessoas estiveram no setor de controle durante o primeiro turno

ontem à noite. Vou investigá-los.

— Bem. Procuramos qualquer conexão ao S kinner, qualquer reprimenda

relacionada com o trabalho, qualquer ganho financeiro repentino. O lhe duas vezes

se qualquer um deles esteve no trabalho antes de entrar na segurança privada. —

Ela pegou um disco da mesa, e o passou ao Feeney. — Investigue os nomes daqui.

— N ão há problema, mas trabalho melhor quando sei no que estou

trabalhando.

— Esses são nomes de policiais que caíram no exercício do dever em Atlanta

há vinte e três anos atrás. Foi uma operação do S kinner. — Ela respirou fundo . —

O pai de Roarke foi sua doninha, e o traiu.

Quando Feeney só acenou, Eve suspirou.

— Um dos nomes que está aí é o de Thomas Weeks, pai de Reginald Weeks,

nossa vítima. Minha hipótese é que se S kinner teve um dos filhos de seus oficiais

assassinado em sua folha de pagamento, tem outros.

— D eduzo que se o agente foi utilizado para montar uma armadilha para

Roarke, pode haver outro — adicionou Feeney.

Ela olhou para o relógio quando a campainha da porta tocou.

— D eve ser A ngelo. Q uero você investigando esses nomes, Feeney, assim não

os darei a ela. Ainda. Mas vou dizer a ela e a você o restante disso.

* * *

Enquanto Eve abria a porta para Darcia, Skinner abria a sua para Roarke.

— Um momento de seu tempo, Comandante.

— Tenho poucos de sobra.

— Então não o desperdicemos. —Roarke entrou e levantou uma sobrancelha para Hayes. O homem estava parado atrás de S kinner, e tinha a mão dentro do terno.— S e você pensou que eu era uma ameaça, deveria ter feito com que seu homem abrisse a porta.

— Você não é ameaça para mim.

— Então por que não temos essa conversa em particular?

— Q ualquer coisa que me diga pode ser dita diante de meu secretário particular.

— Muito bem. Teria sido mais adequado, e certamente mais eficiente, se você tivesse vindo atrás de mim diretamente em vez de utilizar à Tenente D allas e sacrificar um de seus próprios homens.

— Assim confessa que o mandou a matar.

— N ão ordeno mortes. Estamos sozinhos, S kinner, e não tenho dúvidas que estes quartos estão assegurados contra dispositivos de gravação e câmeras de vigilância. Você quer me enfrentar, então o faça. Mas tenha culhões para deixar a minha família fora disto.

Os lábios do Skinner se apertaram.

— Seu pai foi um covarde fodido e um bêbado patético.

— D evidamente anotado. —Roarke caminhou para uma cadeira e se sentou.

— A í, entende. J á temos um ponto em comum sobre esse assunto em particular.

Primeiro me deixe esclarecer que por “família”, quis dizer minha esposa. S egundo,

devo lhe dizer que você é muito amável quanto a Patrick Roarke. Ele era um

valentão cruel, mesquinho e um criminoso insignificante com delírios de grandeza.

O diei-o em cada fôlego que tomei. A ssim já vê, ofende-me, total e intensamente,

ter que pagar por seus numerosos pecados.

Tenho meus próprios pecados, assim se você quer tentar pôr minha cabeça

em uma bandeja, só escolha um. Trabalharemos dali.

— Pensa que porque veste um traje de dez mil dólares não posso cheirar a

sarjeta em você? —A cor começou a tomar conta do rosto de S kinner, mas quando

Hayes deu um passo adiante, S kinner gesticulou para que se mantivesse atrás, com

um brusco movimento de mão. — Você é igual a ele. Pior, porque ele não pretendia

ser algo mais que o pedaço inútil de lixo que era. O sangue conta.

— Ás vezes.

— Você fez piada da lei, e agora se esconde detrás de uma mulher e uma

insígnia que ela envergonhou.

Lentamente Roarke ficou de pé.

— Você não sabe nada dela. Ela é um milagre que não posso, e não quero,

explicar a você. Mas posso prometer a você que não me escondo atrás de nada. Você está parado aí, com sangue fresco nas mãos, seu escudo de retidão cega e memórias de glórias passadas. S eu engano, S kinner, foi confiar que um homem como meu pai manteria o trato. E o meu, parece, foi pensar que você lidaria comigo. Está é uma advertência para você.

Ele parou bruscamente enquanto Hayes mudava de posição. Rápido como uma cascavel, Roarke tirou um laser de mão de seu bolso.

— Tire a maldita mão de seu casaco enquanto ainda tem uma.

— Você não tem nenhum direito ou autoridade para portar e me ameaçar com uma arma.

Roarke contemplou a cara furiosa de Skinner, e logo sorriu.

— Q ue arma? D e barriga para baixo, Hayes, mãos atrás da cabeça. A gora!— ordenou quando Hayes lançou um olhar ao S kinner. — I nclusive em modo de atordoar estas coisas dão uma pequena sacudida desagradável— baixou a vista ao nível do meio das pernas. — Especialmente quando acertam certas áreas sensíveis do corpo.

Embora com a respiração forçada agora, Skinner gesticulou para Hayes.

— O advirto. Com respeito a minha esposa. D eixe ela em paz, ou verá que me provocar não será do seu agrado.

— Fará com que me golpeiem até morrer embaixo da escada?

— Você é um homem tedioso, S kinner, — disse Roarke com um suspiro

quando se encaminhou à porta. — Terrivelmente aborrecido. D iga a seus homens

que tomem cuidado ao andar na estação e manusearem armas. Este lugar é meu.

* * *

A pesar de seu tamanho, Eve achou a área de estar da suíte tão sufocante

quanto uma caixa fechada. S e ela estivesse em um caso como este em N ova York,

estaria nas ruas, amaldiçoando o tráfego enquanto lutava para chegar ao

laboratório para acossar os técnicos, deixando sua mente divagar nas

possibilidades enquanto batalhava com Táxis Rápidos a caminho do necrotério ou

de retorno a Central.

O s investigadores tremeriam quando chamasse exigindo um relatório final. E

os traseiros que chutaria em seu caminho pela investigação seriam familiares.

Dessa vez Darcia Angelo conseguiu ter toda a diversão.

— Peabody, baixe e grave a entrevista de S kinner, já que o show deve

continuar da maneira prevista.

— Sim, *senhora.*

O tom mal-humorado fez ao Eve perguntar,

— O que?

— S ei por que você se inclina por ele neste caso, D allas. Posso ver os ângulos,

mas simplesmente não posso ajustar o padrão até ele. O homem é uma lenda.

A lguns policiais se equivocam porque a pressão os quebra, ou devido às tentações

ou simplesmente porque eles eram fracos antes mesmo de começarem. Ele nunca

se equivocou. É um salto grande vê-lo jogar fora tudo que defendeu e matar um dos

seus para fazer uma cilada contra Roarke por algo que aconteceu quando ele era

menino.

— A presente uma teoria diferente, e escutarei. S e não puder fazer o trabalho,

Peabody, diga agora. Está por conta própria aqui.

— Posso fazer o trabalho. —S ua voz era tão dura quanto seus ombros quando

se encaminhou à porta. — Nunca estive por conta própria desde que conheci você.

Eve apertou seus dentes quando a porta se fechou de repente, e já formulava

a reprimenda enquanto ia saindo atrás dela.. A dra. Mira a deteve com uma

palavra.

— Eve. D eixe ela ir. Tem que considerar sua posição. É difícil estar dividida

entre dois de seus heróis.

— OH, pelo amor de Deus.

— S ente-se, antes que faça um buraco neste chão lindo. Você também está em

uma posição difícil. O homem que ama, o trabalho que define você, e outro homem

que você acredita que cruzou uma linha indelével.

— Eu preciso que você me diga se ele cruzou essa linha. S ei o que meu

instinto diz, o que o padrão de provas indica. N ão é o bastante. Tenho dados sobre

ele. Muitos são de domínio público, mas não todos. —Ela esperou um segundo

enquanto Mira simplesmente seguiu estudando-a, tão calma quanto um lago. —

Não vou dizer como acessei eles.

— N ão vou perguntar. J á sei bastante a respeito de S kinner D ouglas. É um

homem dedicado à justiça... sua própria visão dela, um homem que dedicou sua

vida ao que a insígnia representa, e que arriscou sua vida para servir e proteger.

Muito parecido com você.

— Isso não se parece muito com um elogio neste momento.

— Há um momento decisivo em cada um de vocês. Ele se impôs, sempre se

impôs, a propagar sua visão da justiça como alguns se veem obrigados a propagar

sua visão da fé. Você, Eve, em seu coração, representa à vítima. Ele representa sua

visão. Com o tempo, essa visão se estreitou. Alguns podem converter-se em vítimas

de sua imagem até que se convertem na imagem.

— Ele é um policial perdido dentro do exagero.

— Exatamente. A visão que Peabody tem dele é mantida por um grande

número de pessoas, muitíssimos que agem na aplicação da lei. N ão é surpresa para

mim, psicologicamente falando, vê-lo chegar a estar tão obcecado por um engano -e

o engano foi dele- que custou a vida de homens sob seu mando, tanto que esse fracasso virou um lobo faminto fungando no seu cangote.

— O homem que está morto não era escória das ruas. Ele era um empregado jovem, um com um registro limpo, com esposa. O filho de um dos mortos de S kinner. I sso é o que me surpreende, D ra. Mira. O lobo estava tão faminto que Skinner poderia ordenar a morte de um homem inocente só para alimentá-lo?

— S e ele pudesse justificar isso em sua mente, sim. Fins e meios. O quanto você está preocupada com Roarke?

— Ele não quer que me preocupe com ele — respondeu Eve.

— I magino que ele estará muito mais confortável quando pode se preocupar apenas com você. O pai era abusivo com ele.

— S im. Ele me contou uma parte. O velho o golpeou muito, bêbado ou sóbrio.

—Eve passou a mão por seu cabelo e caminhou para a janela. Havia apenas uma sugestão de tráfego no céu.

Como, ela se perguntou, essa gente aguentava a tranquilidade, o silêncio?

— Ele fez Roarke extorquir, roubar carteiras, e o golpeava se não levava o suficientemente para casa. D eduzo que seu pai não era muito bom nos negócios porque viviam em uma favela.

— Sua mãe?

— N ão sei. Ele diz que não sabe nada. N ão parece se importar. —Ela se voltou, e se sentou frente a Mira. — Pode ser? Realmente pode não se importar o que seu pai lhe fez, ou que sua mãe o abandonou?

— Ele sabe que seu pai o iniciou no caminho de, digamos, evitar a lei. E que tem uma predisposição para a violência. A prendeu a canalizá-la, como você. Ele tinha um objetivo: sair daquela vida, ser alguém e ter poder. Ele obteve isso. Então ele achou você. Ele sabe de onde veio, imagino que é uma parte de seu orgulho ter se convertido no tipo de homem que uma mulher como você amaria. E, conhecendo seu... perfil, —disse Mira com um sorriso. — I magino que está determinado a proteger você e a sua carreira neste assunto, assim como você está determinada a protegê-lo e a sua reputação.

— N ão vejo como... —A compreensão a golpeou, e Eve começava a se levantar justo quando Roarke cruzou a porta.

— Droga. Merda, Roarke. Você foi atrás do Skinner.

Capítulo Seis

— Bom dia, D ra. Mira. —Roarke fechou a porta atrás dele e se aproximou para tomar a mão de Mira. O movimento foi tão suave como sua voz, e sua voz suave como a nata. — Posso oferecer um pouco mais de chá?

— N ão. —S eus lábios se moveram nervosamente enquanto lutava por controlar uma risadinha. — O brigado, mas na realidade tenho que ir. A presento

um seminário imediatamente depois da sessão de abertura.

— N ão pense que a pode usar como escudo. Falei para você se afastar do Skinner.

— É a segunda vez que alguém me acusa de me ocultar atrás de uma mulher hoje. —Embora sua voz permanecesse suave, Eve sabia que a irritação estava ali. —

Torna-se incômodo.

— Quer incômodo? —Eve começou.

— Terá que perdoá-la, — disse Roarke a Mira quando a acompanhou à porta.

— Eve tende a ficar superexcitada quando desobedeço.

— Está preocupada com você, — disse Mira em voz baixa.

— Bem, terá que superá-lo. Q ue tenha uma boa sessão. —Ele empurrou Mira pela porta, e a fechou. Fechou com chave. Girou. A irritação era visível agora. —

Não necessito de um fodido escudo.

— Era uma metáfora, e não troque de tema. Foi atrás de S kinner depois que eu te disse para se afastar dele.

— Não recebo ordens suas Eve. Não sou um cãozinho amestrado.

— É um civil, — ela devolveu o disparo.

— E você é uma consultora no caso de outra pessoa, e sua autoridade aqui, em meu fodido mundo, é uma cortesia.

Ela abriu sua boca, fechou-a. Bufou. Logo deu a volta, atravessou rapidamente

as portas do terraço, e chutou o rodapé várias vezes.

— Sente-se melhor agora?

— S em dúvida. Porque imaginei que era sua cabeça estúpida e dura como

uma pedra. —Ela não olhou para trás, mas apertou suas mãos no corrimão e olhou

o que era em efeito um dos mundos de Roarke.

Era fastuoso e exuberante. A s perfeitas lanças de outros hotéis, as extensões

tentadoras de cassinos, teatros, o brilho dos restaurantes tudo perfeitamente

situado. Havia fontes, passarelas rolantes para pessoas, e uma exuberante extensão

de parques onde as árvores e as flores cresciam em suntuosa profusão.

O uviu o estalo de seu isqueiro, apanhou o aroma de seu tabaco obscenamente

caro. Ele poucas vezes fumava estes dias, pensou.

— S e você dissesse que queria ficar cara a cara com S kinner, teria ido com

você.

— Sou consciente disso.

— A h, Cristo. Homens. O lhe, não tem que se esconder atrás de mim nem de

ninguém. É um macho, um briguento filho da puta com um pênis realmente

grande e bolas de titânio. Está bem?

Ele inclinou sua cabeça.

— Um minuto. Estou imaginando lançar você do balcão. S im. —Ele acenou

com a cabeça, e deu uma larga tragada no cigarro. —Isso é muito melhor.

— S e S kinner deu uma mexida no seu ego, é porque ele soube que era um

bom acerto. Isso é o que fazem os policiais. Por que não me diz o que aconteceu?

— Ele deixou claro, enquanto Hayes esteve parado ali com uma mão dentro

de seu casaco e em sua arma, que meu pai era lixo e por associação eu também. E

que tinha passado muito tempo sem receber meu castigo, por dizê- lo assim.

— Disse ele algo que leve a crer que tenha mandado matar Weeks?

— A o contrário, duas vezes apontou o dedo para mim. Cheio de fúria contida

e fervendo de emoção. Era quase palpável o que ele sentia. N ão acredito que seja

assim —Roarke continuou e esmagou seu cigarro. — O temperamento pôs uma cor

muito pálida em seu rosto, e forçou sua respiração. Terei que visitar seus arquivos

médicos.

— Q uero visitar sua esposa. A ngelo concordou, depois de algumas queixas

menores, em estabelecer um encontro, assim nós utilizaremos uma equipe dupla

esta tarde. Enquanto Peabody está com o S kinner, nós seguiremos a pista do

uniforme e Feeney investigará os nomes. A lguém de seu pessoal de segurança

trabalhou esse desvio. Averiguaremos quem, o conectamos com S kinner e os

colocamos frente a frente. Talvez nós consigamos encerrar o caso antes que a A LI

entre.

Ela deu uma olhada pela suíte quando o comunicador emitiu um sinal sonoro.

— Estamos bem agora?

— Parece.

— Bom. Talvez seja A ngelo com o plano para o encontro com Belle S kinner.

—Ela passou por Roarke em direção ao comunicador. Em vez da cara exótica de Darcia, Feeney apareceu na tela.

— Poderia ter algo pra você aqui. Zita Vinter, segurança do hotel. Ela esteve no Controle entre as vinte e uma e trinta e vinte e três horas de ontem à noite. Cruzei-a com sua lista. Bateu com um Vinter, D etetive Carl, polícia de Atlanta sob o mando do S kinner. Caiu no comprimento do dever durante uma ação que deu errado. A esposa de Vinter estava grávida de seu segundo menino. um filho, Marshall, nascido dois meses depois de sua morte. A criança mais velha tinha cinco anos. Zita.

— Certo. Em que setor ela está agora?

— N ão entrou hoje. N ão avisou tampouco, segundo seu supervisor. Tenho seu endereço. Quer que vá contigo?

Ela começou a concordar, logo voltou o olhar atrás para o Roarke.

— N ão, eu o faço. D escobre o que mais pode encontrar sobre ela, certo? Talvez possa chamar Peabody quando essa merda de inauguração acabar. Ela é hábil em cavar detalhes de antecedentes. Te devo uma, Feeney. Me passa o

endereço agora.

D epois de terminar a transmissão, Eve enganchou seus polegares nos bolsos dianteiros e olhou para o Roarke.

— Não saberia onde fica o 22 da Athena Alameda, verdade?

— Possivelmente possa encontrá-lo, sim.

— Claro que sim. —Ela recolheu seu comunicador e o meteu em seu bolso. — N ão vou viajar em uma limusine para ir entrevistar a um suspeito. É pouco profissional. Já é bastante mal levar um civil vestindo um traje elegante comigo.

— Então terei que encontrar algum transporte alternativo.

— Enquanto está nisso, desenterra o arquivo sobre Zita Vinter, do setor de segurança.

Ele tirou seu palm quando saíram.

— Sempre é um prazer trabalhar contigo, Tenente.

— S im, sim. —Ela entrou no elevador privado enquanto ele ordenava que um veículo chamado GF2000 fosse levado a uma praça da garagem. — Tecnicamente,

eu deveria me pôr em contato com Angelo e atualizá-la.

— N ão há nenhum motivo por que não possa fazê-lo. Uma vez que estejamos a caminho.

— Nenhum motivo. Economizaremos tempo dessa maneira.

— Essa é sua história, querida, e nos agarraremos a ela. Vinter, Zita, — ele

começou quando ela o olhou carrancuda. — Vinte e oito anos. D ois anos com

Atlanta PS D , segurança privada. Ela trabalhou para uma de minhas organizações

em Atlanta. Registro de trabalho limpo. Promovida a N ível Um faz mais de dois

anos. S olicitou o posto aqui faz seis meses. É solteira, vive sozinha. Registra a sua

mãe como seu familiar mais próximo. Sua ficha de emprego é limpa.

— Quando você conseguiu o contrato da convenção?

— Há pouco mais de seis meses, — disse quando começaram a sair pela

garagem. — Um dos incentivos foi ter várias das instalações completas.

— Q uanto quer apostar que S kinner manteve estreito contato através dos

anos, com a filha de seu detetive morto? Se Angelo conseguir uma autorização para

os arquivos de conexão com Vinter, vamos encontrar transmissões, para cá e para

Atlanta. E não só para sua mãe.

Quando ele se deteve, e guardou no bolso seu palm, ela olhou fixamente.

— Que demônios é isso?

Roarke passou uma mão sobre o tanque de cromo liso da moto a jato.

— Transporte alternativo.

Parecia rápida e parecia sublime, uma poderosa bala em duas rodas

prateadas. Ela seguiu olhando fixamente quando Roarke lhe ofereceu um capacete.

— Primeiro a segurança.

— S e controle. Com todos os seus malditos brinquedos, sei bem que tem algo por aqui com quatro rodas e portas.

— I sto é mais divertido. —Ele enfiou o capacete em sua cabeça. — E sou obrigado a lembrar a você que parte deste pequeno interlúdio seria umas curtas férias para nós.

Ele tomou um segundo capacete, e o pôs. Logo rapidamente firmou o seu.

— D esta forma pode ser minha garupeira. —Q uando ela mostrou seus dentes, ele só riu e balançou uma perna com agilidade sobre a moto. — E digo do modo mais lisonjeiro possível.

— Por que não piloto, e você será o meu caronista?

— Talvez mais tarde.

Xingando, ela deslizou na moto atrás dele. Ele a olhou enquanto ela se ajustava no assento, e colocava suas mãos comodamente em seus quadris.

— Agarre-se - lhe disse.

S aiu disparado como um foguete da garagem, e seus braços se fecharam como ferro ao redor de sua cintura.

— Está louco! —ela gritou quando ele arremeteu no tráfego. S eu coração subiu à garganta e ficou ali enquanto ele virou bruscamente, penetrou, e passou

como um raio.

N ão que ela tivesse algo contra a velocidade. Gostava de ir rápido, quando ela estava com os controles. Houve um borrão de cor quando se inclinaram ao redor de uma ilha de flores campestres exóticas. Um caudal de movimento quando se adiantaram a uma passarela carregada de veranistas. Terrivelmente determinada a confrontar sua morte sem piscar, ela contemplou o obstáculo do engarrafamento logo adiante.

Sentiu o aumento dos propulsores entre suas pernas.

— Não faça.

Ela só pôde gemer e tratar de não engasgar com sua própria língua quando ele levou a moto a jato a uma ascensão aguda. O vento uivou por seus ouvidos quando perfuraram pelo ar.

— Um atalho — lhe gritou, e havia risada em sua voz quando baixou a moto na estrada outra vez, suave como a cobertura de um bolo.

Ele freou diante de um edifício totalmente branco, e apagou todos os motores.

— Bem, não chega à altura do sexo, mas está definitivamente nas primeiras dez posições no grande esquema global.

Ela se abaixou e tirou o capacete.

— Sabe quantas violações de tráfego acumulou nos últimos quatro minutos?

— Q uem está contando? —Tirou seu capacete, logo se inclinou para morder o lábio inferior.

— D ezoito, — informou-lhe, tirando seu comunicador para entrar em contato com D arcia A ngelo. Ela explorou o edifício enquanto deixava uma mensagem no correio de voz da D arcia. N ovo, quase brutalmente novo. Bem construído, por isso se via, de bom gosto e provavelmente caro.

— Quanto paga ao seu pessoal de segurança?

— N ível Um? —Cruzaram a ampla calçada para a entrada frontal do edifício.

— A proximadamente duas vezes o que uma tenente da polícia de N ova York ganha anualmente, com um pacote completo de benefícios, é obvio.

— Q ue escândalo. —Ela esperou enquanto foram escaneados na porta e Roarke introduziu seu código mestre. A voz metálica do computador lhe deu a boas-vindas e lhe desejou um seguro e saudável dia.

O vestíbulo estava ordenado e tranquilo, e era amplo com linhas retas e nenhuma animação. No painel de visitantes, Eve se identificou e solicitou falar com Zita Vinter.

Sinto muito, Tenente D allas, a Sra. Vinter não responde. Gostaria de lhe deixar uma mensagem neste momento?

— N ão, eu não gostaria de lhe deixar uma mensagem neste momento. Este é

um assunto policial. Leve-me ao Apartamento Seis-B.

Sinto muito, Tenente D allas , suas credenciais não são reconhecidas nesta estação e

não permitem que este sistema ultrapasse as regulamentações de privacidade e de

segurança.

— Como eu gostaria de ultrapassar seus circuitos e encher sua placa mãe...

Advertência! As ameaças verbais para este sistema podem causar prisão, processo, e

multas no valor de até cinco mil créditos.

A ntes que Eve pudesse cuspir uma resposta, Roarke apertou fortemente seu

ombro.

— S ou Roarke. —Ele pôs sua mão na placa do scanner. — I dentidade 151,

Nível A. Ordeno liberar a mim e à Tenente Dallas todas áreas deste prédio.

Identificação verificada. Roarke e companheira, Eve Dallas, são liberados.

— Tenente — Eve disse entre dentes quando Roarke a atirou para um

elevador.

— Não tome como pessoal. Sexto andar — solicitou ele.

— A maldita máquina me tratou como uma civil. —O insulto disso estava

quase além de sua compreensão. — Uma civil.

— Irritante, certo? —Ele desceu no sexto andar.

— Você apreciou, verdade? Esse fodido “Roarke e companheira”.

— S im, em efeito. I mensamente. — Ele gesticulou . — S eis-B. — Q uando ela não disse nada, tocou a campainha ele mesmo.

— Ela não respondeu antes, não vai responder agora.

— N ão. —Ele colocou suas mãos ligeiramente nos bolsos. — Tecnicamente... S uponho que tem que pedir a Chefe A ngelo que solicite uma autorização para a entrada

— Tecnicamente, — Eve esteve de acordo.

— Sou, entretanto, o dono deste edifício, e empregador da mulher.

— I sso não te dá nenhum direito de entrar em seu apartamento sem autorização legal ou permissão.

Ele simplesmente permaneceu de pé, sorriu, e esperou.

— Faça, —Eve lhe disse.

— Bem-vinda a meu mundo. —Roarke introduziu seu código mestre, logo cantarolou quando a luz da fechadura por cima da porta permaneceu vermelha.

— Bem, bem, ela parece ter acrescentado uns toques próprios, bloqueou o código mestre. Temo que é uma violação de seu contrato de arrendamento.

Eve sentiu um pequeno puxão em seu ventre e deslizou sua mão sob a jaqueta em direção a sua arma.

— Entra.

N enhum dos dois questionou que quaisquer que fossem os métodos que

tinham sido usados, ele os poderia passar. Atravessá-los. Tirou um pequeno estojo

de ferramentas de seu bolso e removeu o painel anti-intrusos do scanner e placa de

identificação.

— Moça inteligente. A crescentou vários pequenos passos complicados aqui.

Tomará um minuto.

Eve tirou seu comunicador e chamou Peabody.

— Localiza a A ngelo, — solicitou ela . — Estamos na A lameda Athena, 22.

Seis-B. Ela tem que vir aqui. Venha também.

— Sim, *senhora*. O que devo lhe dizer?

— Q ue venha. —Ela guardou o comunicador em seu bolso, voltou-se para o

Roarke justo quando as luzes da fechadura se tornaram verdes. — Fique de lado —

ordenou e tirou sua arma.

— Cruzei uma porta com você antes, Tenente. —Tirou o laser de mão de seu

bolso, e ignorou seu grunhido quando ela o viu. — Prefere abaixo, segundo lembro.

J á que não podia cortar sua língua ou esbofeteá-lo por levá-lo, não fez

nenhuma das duas coisas.

— Q uando eu disser. —Ela pôs uma mão sobre a porta, e se preparou para

abrir com um empurrão.

— Espere! —Ele percebeu o zumbido apenas perceptível, e o som fez que seu

coração enlouquecesse. A s luzes do painel cintilaram em vermelho quando afastou

Eve bruscamente da porta. Caíram, seu corpo cobrindo o dela.

Ela teve um impressionante segundo para pensar antes que a explosão lançasse a porta para fora. Uma rajada de disparos detonaram no ar, través do corredor onde eles tinham estado parados segundos antes. O s alarmes soaram, e sentiu o chão abaixo dela tremer em uma segunda explosão, a rajada de calor brutal por toda parte dela.

— J esus! J esus! —Ela lutou debaixo ele, golpeando violentamente o ombro de sua jaqueta, que estava incendiado, com suas mãos nuas. — Está ardendo aqui.

A água estava caindo do teto quando ele se sentou, e tirou a jaqueta.

— Machucou-se?

— N ão. —Ela sacudiu sua cabeça, empurrou o cabelo molhado pelo dilúvio dos aspersores de segurança de seu rosto. — Meus ouvidos zumbem um pouco. Onde se queimou? —Suas mãos corriam sobre ele quando se ajoelhou.

— N ão me queimei. O terno se perdeu, é tudo. A qui, agora. Estamos bem. — Ele olhou para o estragado e fumegante oco que tinha sido a entrada. — Mas temo

que vou ter que desalojar o Seis-B.

Embora ela duvidasse que fosse necessário, Eve manteve sua arma enquanto caminhava pelas ainda fumegantes partes da parede e porta. A fumaça e a água obstruíam o ar no corredor, e no apartamento, mas ela pôde ver com que a

explosão tinha sido menor do que tinha suposto. E muito restrita.

— Um pouco de pintura e está de volta no negócio.

— A explosão estava preparada para derrubar a porta, e a quem quer estivesse por fora dela. —Havia partes de louça quebrada no piso, e um vaso de flores caído, derramando água nos rios já formados pelo sistema de aspersão automática.

O mobiliário estava molhado, as paredes manchadas com nervuras de fumaça e fuligem. A s paredes do vestíbulo eram uma perda total, mas por outro lado, o quarto estava relativamente intacto.

I gnorando os gritos e vozes que vinham de fora do apartamento, ele o percorreu com Eve.

Zita estava na cama, seus braços cruzados serenamente sobre seu peito.

Embainhando sua arma, Eve se aproximou da cama, usando dois dedos para checar

a pulsação na garganta da mulher.

— Está morta.

Capítulo Sete

— S ua definição de cooperação e trabalho em equipe, pelo visto, difere da minha, Tenente.

Molhada, suja e em vias de uma cruel dor de cabeça, Eve se esticou enquanto Darcia contemplava seu exame do corpo.

— Eu atualizei você.

— N ão, você deixou uma breve mensagem em meu correio de voz. — D arcia se endireitou. Com suas mãos seladas, levantou o vidro de pílulas do criado mudo,

e empacotou. — Q uando você estava, pelo visto, a ponto de entrar ilegalmente nesta unidade.

— O dono da propriedade ou seu representante têm o direito de entrar em uma casa particular se houver causa razoável de acreditar que uma vida ou vidas podem estar em perigo, ou dito isso, a propriedade é ameaçada.

— Não me cite seus regulamentos — estalou Darcia. — Você me deixou fora.

Eve abriu sua boca, logo suspirou longamente.

— Bom, eu não diria que a deixei fora, já que lhe chamei aqui. Em seu lugar, eu estaria furiosa. Estou acostumada a poder perseguir uma linha em uma investigação do meu próprio jeito, em meu próprio ritmo.

— Você não é a investigadora principal deste caso. Q uero este corpo empacotado e retirado —D arcia ordenou aos policiais que rodeavam a porta do dormitório. — Causa provável de morte, suicídio.

— Espere um momento, espere um momento. Espere! —Eve ordenou, movendo uma mão para advertir aos policiais que ficassem atrás. — I sto não é suicídio.

— Vejo um corpo em perfeito estado, recostado na cama. O cabelo escovado

com esmero, a aplicação dos cosméticos irrepreensíveis. Vejo no criado mudo um

copo de vinho branco e uma garrafa de pílulas prescritas para serem usadas na

auto-exterminação indolor e tranquila. Tenho aqui, — continuou, levantando outra

bolsa de provas que continha uma só folha de papel—, uma nota que claramente

declara a intenção da suspeita de terminar com sua própria vida devido à culpa por

sua participação na morte do Reginald Weeks. Uma morte que ela declara foi

ordenada pelo Roarke e pela qual lhe pagaram cinquenta mil, em dinheiro vivo.

Vejo uma carteira que contém precisamente essa quantidade de dinheiro na

penteadeira.

— Roarke não ordenou o assassinato de ninguém.

— Possivelmente não. Mas estou acostumada a perseguir uma linha de

investigação do meu próprio modo. E do meu próprio jeito. —D evolveu as palavras

de Eve. — O comandante S kinner apresentou uma queixa afirmando que Roarke o

ameaçou esta manhã, com palavras e uma arma. O s discos de segurança do hotel

verificam que Roarke entrou na suíte do comandante e ali permaneceu por sete

minutos, quarenta e três segundos. Esse incidente é confirmado por um tal Bryson

Hayes, secretário particular do Skinner, que estava presente nesse momento.

Não adiantava chutar algo outra vez e fingir que era a cabeça de Roarke.

— S kinner está nisto até o pescoço, e se você permitir que ele desvie sua atenção para o Roarke, não é tão preparada como pensei. Primeiro a prioridade. Você está frente a um homicídio, Chefe Angelo. Segundo, Skinner é o responsável.

Darcia ordenou a seus homens que saíssem apontando com seu dedo.

— Me explique de que maneira é um homicídio, e por que eu não deveria fazer você tomar o primeiro transporte e te tirar desta estação. Por que eu não devo, com provas em mão, convocar o Roarke para depor como suspeito do assassinato de Reginald Weeks. —O temperamento forte aflorou em sua voz agora, vivo e agudo. — E me deixe esclarecer isso: o dinheiro do seu marido paga meu salário. Não me compra.

Eve manteve seu olhar em Darcia.

— Peabody! —Enquanto esperava que sua ajudante entrasse no quarto, Eve lutou contra seu próprio temperamento.

— *Senhora?*

— O que vê você?

— O H. S enhora. Mulher, no final dos vinte anos, de estatura médiana. N enhum sinal de luta ou dor. —Ela se calou quando Eve tomou uma bolsa de provas de D arcia, e a passou. — A gulha padrão, usualmente usada na auto-

exterminação. A prescrição ordena quatro unidades. Faltam todas. A data no vidro

de pílulas é de duas semanas atrás, prescrita e preenchida em Atlanta, Georgia.

Eve acenou com a cabeça quando viu piscar os olhos de D arcia, e logo deu a

Peabody a nota.

— A parentemente uma nota de suicídio, assinada. Gerada por computador. A

declaração escrita nela é contraditória com as demais provas.

— Muito bem, Peabody. Diga a Chefe Angelo como se contradiz.

— É obvio, Tenente, a maior parte das pessoas não têm remédios de auto-

exterminação guardadas dentro de seus estojos de primeiro socorros. A menos que

você sofra de uma enfermidade incurável e dolorosa, precisa de vários testes e

passar pelos tramites legais para acessar à droga.

Darcia levantou uma mão.

— Mais uma razão para tê-las por perto.

— Não, *senhora*{2}.

— S enhora — D arcia corrigiu com um sorriso satisfeito para Eve. — Em meu

país um superior feminino é tratado de “senhora”.

— S im, senhora. Pode ser diferente em seu país o acesso a essa classe de

drogas. N os Estados Unidos, você tem que se registrar. S e você não fizer uso - quer

dizer, se você estiver vivo trinta dias depois de encher a prescrição, você é retirada

automaticamente. A s drogas são confiscadas e você é obrigado a submeter-se a testes e avaliação psiquiátrica. Além disso, não passa.

— Continue, Peabody, — Eve disse.

— A nota afirma que ela decidiu matar-se porque se sentia culpada pelos acontecimentos que ocorreram ontem à noite. Mas ela já tinha a droga em seu poder. Por que? E como? Você estabeleceu o tempo de morte às ah..., quatro desta manhã, portanto recebeu seu pagamento e termina com uma horrível culpa, e assim os meios de se auto-exterminar estão em sua posse. É muito adequado, se você me seguir.

Ela fez uma pausa, e quando D arcia fez um sinal para seguir adiante, tomou ar e continuou.

— A crescentado a isso, não se deduz que ela colocasse um explosivo na porta de seu apartamento, e outro na área de vigilância para destruir os discos de segurança do edifício. A crescentado a isso, — seguiu Peabody, obviamente divertindo-se agora—, o perfil de Roarke é diretamente oposto a contratar capangas, sobre tudo depois que D allas arrebentou o tipo, o qual é uma das coisas que ele admira a respeito dela. A ssim quando você junta tudo, faz que a nota seja falsa, e este suicídio se converte em um provável homicídio.

— Peabody. —Eve limpou ligeiramente uma lágrima imaginária de seu olho.

— Me faz sentir orgulhosa.

D arcia olhou uma e outra. S eu temperamento estava ainda no lado cru, o qual ela podia admitir parcialmente sua lógica. Ou o fazia.

— Possivelmente, O ficial Peabody, você poderia explicar agora como uma pessoa ou pessoas desconhecidas entraram nesta unidade e persuadiram a esta perita treinada em segurança a tomar a droga de auto-exterminação sem lutar.

— Bom...

— A ssumirei agora. —Eve acariciou seu ombro. —N ão irá querer dar sopa pro azar. A pessoa ou as pessoas desconhecidas foram admitidas à unidade pela vítima. Com maior probabilidade para lhe pagar ou lhe dar a seguinte etapa de instruções. A s drogas de auto-exterminação foram provavelmente misturadas no vinho. A pessoa ou as pessoas desconhecidas esperaram que ela entrasse em coma,

nesse momento ela foi trazida para cá, colocada agradável e bonita. A nota foi criada, um adorno. Q uando se determinou que a vítima estava morta, os explosivos

foram colocados, e a pessoa ou as pessoas desconhecidas seguiram seu caminho felizes.

— Ela apresenta o que vê, — acrescentou Peabody amavelmente. — N ão como um psíquico nem nada parecido. S ó acompanha o assassino. Realmente é magnífica.

— Bem, Peabody. Ela foi um instrumento — seguiu Eve . — N em mais, nem

menos. I gual o Weeks foi um instrumento. Ela provavelmente se uniu à força para

honrar ao seu pai, e ele usou isso, como usa o pai de Roarke, para chegar a ele. N ão

significam nada para ele como pessoas de carne e osso. São simplesmente objetos e

etapas em sua guerra de vinte e três anos.

— Talvez não instrumentos, então — respondeu D arcia —, e sim soldados.

Para alguns generais eles são às vezes dispensáveis. N os desculpe, O ficial Peabody,

por favor.

— Sim, senhora. Senhor.

— Q uero uma desculpa. — Ela viu Eve estremecer e sorriu. — S im, sei que irá

doer, assim quero uma. N ão por perseguir uma linha de investigação, etc. Por não

confiar em mim.

— Conheço você faz menos de vinte e quatro horas, — começou Eve e

estremeceu outra vez. — Está bem, merda. Peço-lhe desculpas por não confiar em

você. E o farei melhor ainda. Por não respeitar sua autoridade.

— A ceito. Vou enviar o corpo ao legista, como um provável homicídio. S ua

ajudante está muito bem treinada.

— É boa, — concordou Eve, já que Peabody não estava ao redor para ouvir e

vangloriar-se por isso. — E vai melhorando.

— Perdi os dados, o significado, e isso não devia ter acontecido. A credito que eu teria visto estas coisas se não estivesse tão aborrecida com você, mas isso não vem ao caso. A gora, tenho que interrogar o Roarke quanto a sua conversa com o comandante esta manhã, e quanto a sua associação com a Zita Vinter. Para manter

meus registros oficiais limpos, você não está incluída nesta entrevista. Eu apreciaria, entretanto, se ficasse e dirigisse a minha equipe durante o exame da cena de crime.

— Não há problema.

— Farei tudo o mais breve possível, já que imagino que tanto você como o Roarke gostariam de voltar e tirar essas roupas úmidas e sujas. —Ela tocou a manga da jaqueta de Eve quando passou. — Essa deveria ser muito bonita.

* * *

— Foi mais branda comigo do que eu teria sido com ela, — Eve confessou quando fez mover a rigidez de seus ombros. Tinha caído no chão sob Roarke mais

duro do que ela tinha pensado e imaginou que deveria dar uma olhada às contusões.

Depois de uma ducha longa e quente.

J á que a resposta de Roarke a sua declaração foi pouco mais que um grunhido quando subiram a sua suíte, ela o olhou. Ele precisava se limpar um pouco, pensou.

Ele havia tirado a jaqueta arruinada, e a camisa tinha sofrido um rasgão.

Ela se perguntou se seu rosto estava tão sujo quanto o dele.

— A ssim que nos limpemos, — ela começou quando saiu do elevador e

entrou no salão. E foi o mais longe que chegou antes que fosse pressionada contra

as portas de elevador com sua boca devastando a sua.

A metade de seu cérebro pareceu deslizar por seus ouvidos.

— Pare! O que?

— Uns poucos segundos mais. —Com suas mãos agarrando seus ombros e

seus olhos quentes, ele a percorreu com o olhar. — E não estaríamos aqui.

— Estamos aqui.

— Está certo. —Ele empurrou a jaqueta até a metade de seus braços, e atacou

seu pescoço. — Maldição. Vamos provar isso. —Tirou-lhe a jaqueta, e rasgou sua

camisa no ombro. — Quero minhas mãos em você e suas mãos em mim.

J á estavam. Ela o empurrou fortemente e rasgou sua camisa arruinada, e

porque suas mãos estavam ocupadas, usou seus dentes nele.

N em bem entraram no quarto, arrastaram um ao outro ao chão. Ela rodou

com ele, lutando com o resto de suas roupas, logo arqueando-se como uma ponte

quando sua boca agarrou seu seio.

A necessidade, intensa e primitiva, ferveu por dentro dela até que gemeu seu

nome. Era sempre seu nome. Ela quis mais. Mais para dar, mais para tomar. S

eus

dedos cravaram nele. o músculo duro, a carne úmida. O aroma de fumaça e morte

sufocados sob o aroma dele a encheram da mistura febril de amor e luxúria que lhe

provocava.

Ele não podia ter o bastante. Parecia que nunca poderia, ou iria. Todas as

fomes, os apetites e desejos que conhecia careciam de importância contra a

necessidade que ele sentia por ela. por tudo o que ela era. A força dela, física e a

moralidade excepcionalmente tenaz, o deixavam extasiado. Sentia-se desafiado.

S entir essa força tremendo abaixo dele, aberta para ele, fundindo-se com ele,

era o milagre de sua vida.

S ua respiração era brusca, superficial, e ele ouviu que se detinha, liberando

enfim um fôlego estrangulado quando ele a conduziu sobre o primeiro pico. S eu

próprio sangue ferveu quando esmagou a boca na sua outra vez, e se afundou em

seu interior.

Todo calor, rapidez e desespero. O som de carne chocando, o deslizar da

carne contra carne misturado com o som da respiração desigual.

Ela o ouviu murmurando algo. no idioma de sua juventude, tão raramente

usado, soando exoticamente ao dizer seu nome. A pressão do prazer crescendo de

maneira escandalosa dentro dela, um glorioso ardor no sangue quando ele a

conduziu além da razão com impulsos profundos, duros.

Ela se agarrou a ele. Logo seus olhos estavam unidos aos seus, selvagens e azuis. Tanto amor quase a inundou.

— Vem comigo. —Sua voz era grosa com a Irlanda. — Vem comigo agora.

Ela o seguiu, observando esses olhos gloriosos voltarem-se cegos. S eguiu-o quando seu corpo se inundou no seu. Em seguida se deixou ir, e foi com ele.

* * *

O sexo, Eve tinha descoberto, podia, quando era bem feito, beneficiar o corpo, a mente, e o espírito. Ela apenas se queixava pela necessidade de se vestir para encontrar com Belle S kinner em um chá de senhoras. S eu corpo sentia-se frouxo e

ágil, e apesar do vestido que Roarke lhe tinha dado que não se adequava a sua imagem de policial, a arma acomodada sob a jaqueta longa compensava.

— Você tem a intenção de disparar em alguma das mulheres sobre os sanduíches de agrião e *petit fours?* —ele perguntou.

— N unca se sabe. —Ela observou os brincos de ouro que ele escolheu, encolheu os ombros e os colocou.. — Enquanto estou bebendo chá e intimidando Belle S kinner, pode investigar uma intuição por mim. Faça um pouco de pesquisa,

e veja se Hayes esteve relacionado com qualquer um dos policiais mortos sob o mando do S kinner durante a missão fracassada. Há algo ali muito estreito para uma relação empregador/empregado.

— Muito bem. Sapatos.

Ela cravou os olhos nos finos salto agulha e as delicadas correias.

— É assim como os chama? Por que os homens não têm que levar armadilhas mortais como essas?

— Faço essa mesma pergunta a cada dia. —Ele a olhou longamente depois que ela os calçou.. — Tenente, você parece surpreendente.

— Pareço uma idiota. Como se supõe que vou intimidar a alguém vestida com esta roupa?

— Estou seguro de que dará um jeito nisso.

— Um chá de senhoras, — queixou-se ela pelo caminho . — N ão sei por que A ngelo não pode simplesmente conduzir à mulher a sua delegacia de polícia e lhe atiçar.

— Não esqueça seu porrete de borracha e mini-stunner.

Ela sorriu malignamente sobre seu ombro quando entrou no elevador.

— Morda-me.

— Já o fiz.

* * *

O chá já tinha começado quando Eve entrou. Mulheres em vaporosos vestidos, e algumas -J esus!- com chapéus, apinhavam-se e reuniam-se sob pérgulas de rosas ou se espalhavam em um terraço onde um harpista movia umas cordas e

cantava com uma voz tremula que imediatamente irritou os nervos de Eve.

O s diminutos canapés de patê e os bolos de glacê rosado estavam acomodados em bandejas transparentes de cristal. O s bules de prata brilhantes soltavam vapor com um chá que cheirava, segundo Eve, a rosas.

Em tais momentos ela se perguntava como as mulheres não se sentiam envergonhadas de serem mulheres.

Localizou primeiro Peabody e esteve mais que ligeiramente assombrada ao ver sua robusta ajudante com um flutuante vestido florido e um chapéu de palha de aba larga com cintas pendurando.

— Santo Deus! Peabody, parece uma - não sei - leiteira ou algo parecido.

— Obrigado, Dallas. Grandes sapatos.

— Calada. Chame a D ra. Mira. Q uero sua opinião sobre a esposa do S kinner. As duas mantenham-se perto enquanto Angelo e eu falamos com ela.

— A S ra. S kinner está no terraço. A ngelo acaba de entrar. Wow, ela tem um grande DNA.

Eve olhou para trás, e saudou com a cabeça a A ngelo. A chefe tinha decidido usar um branco fresco, mas em vez de fluir, o vestido se aderia a cada curva.

— No terraço — Eve lhe indicou . — Como quer começar?

— De maneira sutil, Tenente. Sutil no meu estilo.

Eve levantou suas sobrancelhas.

— Não acredito.

— O estilo da entrevista — assinalou D arcia e se aproximou do terraço. Ela parou, se serviu de chá, e foi à mesa onde Belle recebia a corte . — Uma festa encantadora, S ra. S kinner. S ei que todas nós queremos lhe agradecer por ser a anfitriã deste acontecimento. Um descanso tão agradável dos seminários e grupos.

— É importante recordar que somos mulheres, não só esposas, mães, ou profissionais de carreira.

— A bsolutamente. A Tenente D allas e eu poderíamos falar em particular com você? Não lhe tiraremos muito de seu tempo.

Ela pôs a mão no ombro de uma das mulheres sentadas na mesa. S util, pensou Eve. E eficaz, quando a mulher se levantou para dar a Darcia sua cadeira.

— D evo lhe dizer quanto desfrutei da palestra de abertura do comandante esta manhã, —começou D arcia. — Tão inspiradora. D eve ser muito difícil para ele, e para você, lidar com a convenção depois de sua trágica perda.

— D ouglas e eu acreditamos totalmente na realização de nossos deveres e responsabilidades, sejam quais sejam nossos problemas pessoais. Pobre Reggie. —Ela apertou seus lábios. — É horrível. Até sendo a esposa de um policial durante o meio século... você nunca se acostuma ao choque da morte violenta.

— Você conhecia bem o Weeks? —Eve perguntou.

— A perda, o choque e a pena não estão relacionados apenas com o

conhecimento pessoal, Tenente. —A voz do Belle se voltou fria. — Mas eu o

conhecia muito bem, em realidade. D ouglas e eu acreditamos em formar relações

fortes e próximas com nossos empregados.

Gosta de Angelo, pensou Eve. Odeia-me. De acordo, sigamos.

— S uponho que sentir-se tão chocada e cheia de pesar é a razão pela que você

escutou às escondidas de dentro do seu quarto em vez de sair quando notificamos

ao Comandante S kinner que um membro de sua equipe de segurança tinha sido

assassinado.

O rosto de Belle ficou sem expressão e imóvel.

— Não sei o que você insinua.

— N ão insinuo, falo sem rodeios. Você estava no quarto de hospedes. não no

principal com o comandante. S ei que estava acordada, porque sua luz estava acesa.

Você nos ouviu transmitir a informação, mas apesar dessa relação próxima,

pessoal, você não saiu para expressar seu choque e perda. Por que isso, S ra.

Skinner?

— D allas, estou segura que a S ra. S kinner tem seus motivos. —D arcia

introduziu um ligeiro pingo de censura em sua voz, e deu um sorriso de simpatia

para Belle. —S into, S ra. S kinner. A tenente está, muito naturalmente, no limite

agora mesmo.

— N ão é necessário que você se desculpe, Chefe A ngelo. Entendo, e simpatizo -em certa medida- com o desejo da Tenente D allas de defender e proteger seu marido.

— I sso é o que você faz? —Eve soltou em seguida. — Até onde chegaria? Q uantas, das relações próximas e pessoais está disposta a sacrificar? O u não tinha você uma proximidade com Zita Vinter?

— Zita? —O s ombros do Belle se sacudiram, como se a tivessem golpeado. — O que tem que ver Zita com tudo isto?

— Você a conhecia?

— É nossa afilhada, é obvio eu... conhecia? — Cada gota de sangue sumiu do seu atraente rosto de modo que os realces habilmente aplicados se destacavam como a pintura em uma boneca. — O que aconteceu?

— Ela está morta, — disse Eve secamente. — A ssassinada cedo esta manhã, algumas horas depois de Weeks.

— Morta? Morta? —Belle ficou dolorosamente de pé, derrubando sua xícara de chá quando tratou de recuperar o equilíbrio. — N ão posso, não posso falar com você agora.

— Q uer ir atrás dela? —D arcia perguntou enquanto Belle saía rapidamente do terraço.

— N ão. Vamos dar um tempo para que se componha. Está assustada agora.

S obre o que sabe e o que não sabe. —Ela olhou para D arcia. — Tínhamos um ritmo

bastante bom ali.

— Pensei o mesmo. Mas imagino que bancar à polícia insensível e teimosa lhe

vem de forma natural.

— I gual a respirar. Vamos embora tomar uma bebida. —Eve fez gestos a

Peabody e Mira. — Só nós garotas.

Capítulo Oito

N o bar, em uma cabine ampla e luxuosa, Eve pensava sobre uma água

efervescente. Teria preferido uma boa e forte patada de um *Zombi*, mas preferia

mais uma cabeça clara que uma sacudida.

— Você tem um estilo muito fácil, compassivo, — disse ela a D arcia . —

Acredito que ela falará com você se você permanecer nesse canal.

— Opino o mesmo.

— A D ra. Mira aqui, ela tem o mesmo trato. Você poderia formar uma equipe

com ela. —Eve deu uma olhada para Mira, que bebia devagar o vinho branco.

— Ela ficou impressionada e alterada, — começou Mira . — Primeiro,

verificará a informação sobre a morte de sua afilhada. Q uando o fizer, a tristeza se

mesclará com o choque.

— Então, será ainda mais vulnerável às perguntas apresentadas no estilo

certo.

— É fria, D allas, — disse D arcia . — Eu gosto disso de você. S eria muito agradável entrevistar Belle Skinner com a doutora Mira, se estiver bem para ela.

— Estou encantada de ajudar. I magino que tem a intenção de falar com o Skinner outra vez, Eve.

— Com a permissão da chefe.

— N ão comece a ser cortês agora — disse D arcia. — A rruinará sua imagem. Ele não irá querer falar com você — continuou ela . — Q uaisquer que fossem seus sentimentos para com você antes, minha impressão é -depois de sua palestra- que ele agora colocou você e Roarke juntos. Odeia a ambos.

— Mencionou-nos em seu discurso?

— N ão com nomes, mas insinuou. S eu inspirador, melhor dizendo, seu discurso tipo animador, deu um giro na metade do caminho. Ele entrou em uma linha referente aos policiais que se corrompem, esquecem seus deveres em favor dos lucros e comodidades pessoais. S eus gestos, a linguagem corporal... —D arcia se encolheu de ombros. — Estava claro que ele falava deste lugar -os palácios de luxo levantados com sangue e avareza, acredito que ele disse- e de você. A lianças com o mal. Ele se esforçou muito nisso, de modo quase evangélico. Embora houvessem alguns que pareciam entusiasmados e solidários com essa maneira de pensar em particular, me pareceu que a maioria dos assistentes se sentiam

incomodados. envergonhados ou zangados.

— Ele quis usar sua palestra para nos castigar, a Roarke e a mim , isso não me preocupa. —Mas Eve notou que Peabody afastava a vista de seu copo.

— Peabody?

— A credito que ele está doente. —Ela falou em voz baixa, finalmente levantando seu olhar. — Fisicamente e mentalmente. N ão acredito que esteja realmente estável. Foi difícil assistir o que ocorreu esta manhã. Ele começou algo,

pois bem, eloquente, que só piorou com esse discurso sentencioso. A dmirei-o toda

minha vida. Foi difícil de assistir — repetiu ela . — Muitos policiais que estavam ali

endureceram. N ós quase podíamos sentir as capas de respeito caindo uma a uma.

Falou do assassinato um pouco, de como um homem jovem, prometedor tinha chegado a ser a vítima de uma vingança insignificante e desalmada. Como um assassino podia esconder-se atrás de uma insígnia em vez de ser levado a justiça por uma.

— Bastante direto —concluiu Eve.

— Muitos policiais terrestres saíram naquele momento.

— Então provavelmente está um pouco instável agora mesmo. Me aproveitarei —disse Eve . — Peabody, localize o Feeney, vê que outros detalhes pode desenterrar sobre as duas vítimas e qualquer outra pessoa no lugar que

esteja

relacionado com a operação em Atlanta. Isso vai bem, Chefe Angelo?

Darcia terminou sua bebida.

— Certamente.

* * *

Eve foi primeiro a suíte. Q uis alguns detalhes mais antes de interrogar

Skinner outra vez. Nunca duvidou que Roarke já os tivesse encontrado.

Estava no comunicador quando chegou, falando com seu chefe de segurança

do hotel. I nquieta, Eve saiu para o terraço e deixou a sua mente embaralhar os

fatos, as provas, as linhas de possibilidades.

D ois mortos. O s pais de ambas as vítimas eram policiais mártires. E aqueles

relacionados com o pai de Roarke e com S kinner. A ssassinados em um mundo

criado por Roarke, em um local cheio de oficiais da polícia. Era tão engenhoso, era

quase poético.

Estava planejado desde o começo? N ão foi um crime por impulso, mas algo

astutamente, friamente planejado. Weeks e Vinter tinham sido sacrificados, peões

descartados do jogo maior. Um jogo de xadrez, de acordo, ela concluiu. O rei negro

contra o branco, e seu instinto lhe disse que S kinner não estaria satisfeito com um

cheque mate.

Ele queria sangue.

Girou quando Roarke saiu.

— N o final, destruir você não será suficiente. Fazer você cair em uma armadilha, passo a passo, para a execução. Há muitas armas neste local. Ele mantém a pressão, destaca o circunstancial, assim há uma ideia de que você poderia ter ordenado esses golpes. Todo que ele precisa é um soldado disposto a aceitar a responsabilidade. A posto em Hayes para isso. S kinner não tem muito tempo para levá-lo a cabo.

— N ão, não tem, — esteve de acordo Roarke. — Entrei em seus arquivos médicos. Há um ano foi diagnosticado com uma desordem rara. É complicado, mas

o melhor que posso interpretar, é que algo afeta o cérebro.

— Tratamento?

— S im, há alguns procedimentos. Teve dois. reservadamente, em uma instalação privada em Zurich. I sso reduziu a velocidade do processo, mas em seu

caso... teve complicações. Uma tensão no coração e pulmões. O utra tentativa de correção o mataria. D eram-lhe um ano. Ele tem, possivelmente, três meses. E desses três meses, dois no máximo onde ele seguirá sendo móvel e lúcido. Fez preparativos para a auto-exterminação.

— I sso é duro. —Eve colocou as mãos nos bolsos. A li havia mais. podia ver nos olhos de Roarke. A lgo a respeito da forma que a observava agora. —

Encaixa

com o resto. Esse evento esteve machucando seu interior durante décadas. Q uer limpar seus livros antes de ir. O que quer que esteja comendo seu cérebro o tem feito provavelmente mais instável, mais fanático e menos preocupado com os detalhes. Precisa ver você arruinado, ver você morrer antes dele. Q ue mais? O que é

isso?

— Ultrapassei várias camadas em seu histórico. S eus contatos, suas notas. Ele acreditou que tinha rastreado meu pai antes que ele fugisse do país. S kinner usou

algumas conexões. A creditou que meu pai se dirigiu ao oeste e passou uns dias entre alguns sócios ruins. No Texas. Em Dallas, Eve.

Seu estômago se encolheu, e seu coração tropeçou em várias batidas..

— É um lugar grande. Não quer dizer...

— O tempo coincide. —Ele caminhou para ela, passou suas mãos de cima abaixo por seus braços para esquentá-los. — S eu pai e o meu, criminosos insignificantes que procuravam algo grande e importante. Você foi encontrada nesse beco de D allas só alguns dias depois que S kinner perdesse o rastro de meu

pai outra vez.

— Você está dizendo que eles se conheciam, seu pai e o meu.

— A ssinalo que o círculo é muito preciso para ignorá-lo. Q uase não lhe disse

isso — acrescentou, descansando sua fronte na dela

— Me dê um minuto. —afastou-se dele, recostou no corrimão, e olhou fixamente mais à frente do centro do resort. Mas via esse quarto frio, sujo, e ela agachada em um canto como um animal. O sangue em suas mãos.

— Ele tinha um negócio em marcha — disse ela silenciosamente. — A lgum trato ou outro, suponho. N ão bebia tanto. e era pior para mim quando não estava bem bêbado quando voltava. E tinha um pouco de dinheiro. Está bem. — Respirou

fundo . — Está bem. Isto está chegando ao fim. Sabe o que penso?

— Me diga

— Penso que algumas vezes o destino te concede uma pausa. Como se dissesse, está bem, você teve bastante desta merda, assim é hora de ter algo agradável. Compreende. —Ela se voltou para ele então. — estamos fazendo algo disso. O que quer que tenham sido para nós, ou um para o outro, é o que somos agora o que conta.

— Querida Eve. Adoro você.

— Então me fará um favor. D esapareça por umas horas. N ão quero dar a

S kinner nenhuma oportunidade. Preciso falar com ele, e não falará se você estiver

comigo.

— D e acordo, com uma condição. Vai conectada. —Ele tomou um pequeno broche adornado com joias de seu bolso, e o ajustou a sua lapela. — Monitorarei

daqui.

— É ilegal registrar sem conhecimento e permissão de todas as partes a menos que tenha a autorização apropriada.

— S ério? —Ele a beijou. — É isso que você consegue por se deitar com más companhias.

— Ouviu a respeito disso, não é verdade?

— A ssim como ouvi que grande parte de seus companheiros policiais se retiraram do discurso. S ua reputação se mantém, Tenente. I magino que seu seminário amanhã estará cheio.

— M... Merda! Me esqueci. N ão pensarei nisso — resmungou pelo caminho .

— Não pensarei nisso.

* * *

Ela entrou silenciosamente na sala de conferências onde S kinner conduzia um seminário sobre táticas. Foi um alívio perceber que perdeu parte da conferência

e tinha entrado durante o período de perguntas e respostas. Houve muitos olhares longos em sua direção quando caminhou por um lado da sala e encontrou um assento na parte de trás.

Ela examinou o esquema. S kinner sobre o pódio do palco, Hayes parado cobrindo suas costas e a sua direita, no sentido. O utros dois de sua segurança pessoal em seu lado contrário.

Excessivo, ela pensou, e evidente mais que isso. A mensagem era que a posição, a situação, expunha um perigo pessoal para S kinner, mas ele estava tomando precauções e cumprindo com seu trabalho.

Muito limpo.

Levantou sua mão, e foi ignorada. Cinco perguntas passaram até que ela simplesmente ficou de pé e se dirigiu a ele. E quando se levantava, notou que Hayes deslizava uma mão dentro da sua jaqueta.

Ela soube que cada policial observou o gesto. A sala ficou absolutamente em silêncio.

— Comandante S kinner, uma posição de comando regular exige que você envie homens em situações onde a perda de vida, civil e departamental, é um risco importante. Em tais casos, acha mais benéfico para a operação deixar de lado os sentimentos pessoais por seus homens, ou usar esses sentimentos para selecionar a equipe?

— Cada homem que levanta uma insígnia sabe que dará sua vida se necessário para servir e proteger. Cada comandante deve respeitar aquele conhecimento. O s sentimentos pessoais devem ser pesados, a fim de selecionar o homem certo para cada situação. É um assunto de experiência e consideração, ao longo dos anos, de reconhecer a melhor dinâmica para cada operação estabelecida.

Mas os sentimentos pessoais -quer dizer, os apegos emocionais, as conexões privadas, as amizades, ou a animosidade- nunca devem distorcer a decisão.

— Então, como comandante, você não teria nenhum problema em sacrificar um amigo pessoal ou uma relação para o êxito de uma operação?

S ua cor surgiu. E o tremor que ela tinha notado em sua mão se fez mais pronunciado.

— "S acrificar", Tenente D allas? Uma escolha pobre de palavras. O s policiais não são cordeiros enviados para morrer. N ão são passivos esses bons soldados que se sacrificam pelo bem comum, são ativos, e dedicados na luta pela justiça.

— Os soldados são sacrificados na batalha. São perdas aceitáveis.

— N enhuma perda é aceitável. —S eu punho esmurrou o pódio. — N ecessário, mas não aceitável. Cada homem que caiu sob meu comando pesa em mim. Cada criança deixada sem pai é minha responsabilidade. O comando requer isso, e que o comandante seja suficientemente forte para suportar a carga.

— E comandar, em sua opinião, requer restituição por essas perdas?

— Requer, Tenente. Não há justiça sem pagamento.

— Para as crianças dos caídos? E para as crianças daqueles que fugiram da mão da justiça? Em sua opinião.

— O sangue fala com o sangue. —S ua voz começou a subir e tremer. — S e

você estivesse mais preocupada com a justiça que com suas escolhas pessoais, você

não precisaria fazer a pergunta.

— A justiça é minha preocupação, Comandante. Parece que temos definições diferentes do termo. Pensa você que a sua afilhada foi a melhor opção para esta operação? Pesa sua morte em você agora, ou equilibra as outras perdas?

— Você não é digna de dizer seu nome. Você sujou sua insígnia. Você é uma desonra. N ão pense que o dinheiro de seu marido ou ameaças me impedirão de usar toda minha influência para fazer com que lhe tirem sua insígnia.

— Eu não permaneço atrás de Roarke mais do que ele permanece atrás de mim. —Ela seguiu falando quando Hayes avançou e pôs uma mão no ombro de S kinner. — N ão insisto em assuntos do passado. D uas pessoas estão mortas aqui e

agora. Essa é minha prioridade, Comandante. A justiça para eles é minha preocupação.

Hayes deu um passo diante de Skinner.

— O seminário terminou. O comandante S kinner agradece por assistirem e lamenta a interrupção da Tenente Dallas no período de perguntas e respostas.

A s pessoas de levantaram para sair. Eve viu S kinner partir, flanqueado de dois guardas.

— S e me perguntar, — comentou alguém perto dela —, estes seminários poderiam utilizar mais fodidas interrupções.

Ela caminhou para frente e se aproximou até ficar cara a cara com Hayes.

— Tenho duas perguntas mais para o comandante.

— Infelizmente o seminário acabou. E também seu pequeno espetáculo.

Ela sentiu a multidão formando redemoinhos ao redor deles, uns o bastante perto para ouvir.

— Pelo que vejo, é estranho. Pensei que entrava no espetáculo. Ele comanda, Hayes, ou você?

— O comandante S kinner é um grande homem. O s grandes homens frequentemente precisam proteger-se das putas.

Um policial se aproximou e apertou Hayes no ombro.

— Melhor vigiar os insultos, homem.

— Obrigado. —Eve agradeceu com um aceno. — Eu me ocupo.

— Eu não gosto que policiais chamem uma insígnia de puta. —Ele retrocedeu, mas ficou perto.

— Enquanto protege o grande homem — seguiu Eve—, você poderia querer recordar que dois de seus soldados de primeira linha estão no necrotério.

— É uma ameaça, Tenente?

— D iabos, não. É um fato, Hayes. A ssim como é um fato que os dois tiveram pais que morreram sob o comando do Skinner. E seu pai?

Um rubor de fúria subiu através de suas maçãs do rosto.

— Você não sabe nada de meu pai, e não tem nenhum direito a falar dele.

— S ó lhe estou dando algo em que pensar. Por alguma razão me dá a

impressão que estou mais interessada em descobrir quem pôs aqueles corpos no

necrotério que você ou seu grande homem. E porque estou, descobrirei. antes que

este espetáculo fracasse e siga adiante. Essa é uma promessa.

Capítulo Nove

S e não podia chegar ao S kinner, pensou Eve, chegaria à esposa do S kinner. E

se A ngelo e Peabody não a tinham abrandado e acalmado o suficiente, podiam ir a

merda também. Maldita! S e ela iria andar nas pontas dos pés ao redor de mulheres

choronas e homens agonizantes, teria que entregar o caso aos moços

interplanetários.

Era seu caso, e tinha a intenção de fechá-lo.

Ela sabia que parte de sua cólera e urgência provinha da informação que

Roarke lhe tinha proporcionado. S eu pai, o dela, S kinner, e uma equipe de policiais

mortos. S kinner tinha razão sobre uma coisa, ela pensou enquanto se dirigia a sua

suíte. O sangue falava com o sangue.

O sangue dos mortos sempre lhe tinha falado.

S eu pai e o de Roarke tinham encontrado um final violento. Era toda a justiça

que podia oferecer às insígnias perdidas tantos anos atrás. Mas havia dois corpos

em gavetas frias. Para esses, sem importar o que eles tivessem feito, ela estaria de

pé.

Ela tocou, e esperou impacientemente. Foi D arcia quem abriu a porta e

saudou Eve com um pequeno grunhido cheio de desculpas.

— Ela parece uma nulidade, — sussurrou D arcia . — Mira está batendo

levemente em sua mão, lhe deixando chorar por sua afilhada. É uma boa base, mas

não pudemos passar daí ainda.

— Alguma objeção a que lhe dê à base uma sacudida?

Darcia a estudou, e apertou seus lábios.

— Poderemos tentar desse modo, mas eu não a agitaria com muita força. S e

romper, voltamos para ponto de partida com ela.

Com um aceno, Eve entrou. Mira estava no sofá com Bella, e com efeito

sustentava sua mão. Uma bule, taças, e inumeráveis lenços enchiam a mesa diante

delas. Bella chorava brandamente.

— S ra. S kinner, lamento sua perda. —Eve se sentou em uma cadeira perto

sofá, inclinando-se pela intimidade. Manteve sua voz tranquila, e esperou até que

Bella levantasse seus olhos inchados, e avermelhados para os seus.

— Como pode falar dela? Seu marido é o responsável.

— Meu marido e eu quase voamos em pedaços por causa de um dispositivo

explosivo na porta do apartamento de Zita Vinter. Um dispositivo posto por seu assassino. Siga os pontos.

— Quem mais tinha motivos para matar Zita?

— I sso é o que queremos averiguar. Ela sabotou as câmeras de segurança na noite em que Weeks foi assassinado.

— N ão acredito. —Bella fez uma bola com seu lenço em seu punho. — Zita nunca seria cúmplice de um assassinato. Era uma jovem encantadora. Preocupada e inteligente.

— E dedicada à seu marido.

— Por que não deveria? —A voz de Bella se elevou quando ficou de pé.

— Ele interveio quando seu pai morreu. D eu-lhe tempo e atenção, ajudou-a com sua educação. Ele teria se esforçado por ela.

— E ela por ele?

O s lábios de Bella tremeram, e se sentou outra vez, como se suas pernas também tremessem.

— Ela nunca seria cúmplice de um assassinato. Ele nunca pediria a ela.

— Talvez ela não soubesse. Talvez só lhe pediram para ocupar-se das câmeras e nada mais. S ra. S kinner, seu marido está morrendo. —Eve viu a surpresa de Bella, o estremecimento. — N ão tem muito tempo, e a perda de seus homens se alimenta

dele enquanto se prepara para morrer. Você pode sentar-se ali e me dizer que seu

comportamento durante os últimos meses foi racional?

— Não falarei da condição de meu marido com você.

— S ra. S kinner, você acredita que Roarke é responsável por algo que seu pai

fez? A lgo que esse homem fez quando Roarke era um menino, a três mil milhas de

distância?

Ela viu lágrimas nadarem nos olhos de Bella outra vez, e se inclinou para ela.

Pressionou.

— O homem estava acostumado a golpear Roarke até deixá-lo meio morto por

diversão. Você sabe o que se sente ao ser golpeado com os punhos, ou com um pau,

ou com algo que seja malditamente conveniente. e pela pessoa que se supõe

deveria cuidar de você? S egundo a lei, por simples moralidade. Você sabe você o

que é estar ensanguentado, machucado e impotente para se defender?

— Não. —As lágrimas transbordaram. — Não.

— Aquele menino tem que pagar pela maldade do homem?

— O s pecados dos pais, — Bella começou, logo se deteve. — N ão. — Cansada,

limpou suas bochechas molhadas . — N ão Tenente, não acredito. Mas sei o que

isso tem feito a meu marido, o que aconteceu antes, o que perdeu. S ei como isso o

obcecou. a esse homem bom, e amável, esse homem honrado que dedicou sua vida

a sua insígnia e tudo o que isso significa.

— Ele não pode exorcizar seus fantasmas destruindo o filho do homem que os

criou. Você sabe isso, também.

— Ele nunca machucaria Zita, ou Reggie. A mava-os como se fossem próprios

filhos . Mas... —Ela recorreu a Mira outra vez, e agarrou suas mãos violentamente.

— Ele está tão doente. em corpo, mente e espírito. N ão sei como ajudar. N ão sei

quanto tempo posso seguir observando ele morrer por etapas. Estou preparada

para deixar ele ir porque a dor. algumas vezes é tão horrível. E ele não me deixa

entrar. N ão compartilha a cama comigo, seus pensamentos, seus medos. É como se

estivesse se separando de mim, pouco a pouco. Não o posso deter.

— Para alguns, a morte é um ato solitário — disse Mira gentilmente. —

Íntimo e privado. É difícil amar alguém e se afastar enquanto eles dão esses passos

sozinhos.

— Ele consentiu em solicitar a auto-exterminação por mim. —Bella suspirou.

— Ele não acredita nisso. A credita que um homem deveria fazer frente ao que lhe é

dado e suportar. Temo que ele não pensa de forma muito clara. Há momentos...

Ela estabilizou sua respiração e voltou o olhar para Eve.

— Há fúria, mudanças de humor. A medicação pode ser parcialmente responsável. Ele nunca compartilhou o trabalho comigo profundamente. Mas sei agora que durante meses, possivelmente mais tempo, Roarke foi uma espécie de obsessão para ele. Como você. Você escolheu o diabo ao dever.

Ela fechou seus olhos um momento.

— S ou a esposa de um policial, Tenente. A credito nesse dever, e o vejo por toda parte em você. Ele o veria, também, se não estivesse tão doente. J uro que ele não matou Reggie ou Zita. Mas podem ter sido assassinados por sua causa.

— Bella. — Mira lhe ofereceu outro lenço. — Você quer ajudar a seu marido, aliviar sua dor. D iga a Tenente D allas e a Chefe A ngelo o que sabe, o que sente.

Ninguém conhece o coração de seu marido e a mente da mesma maneira que você.

— O destroçará. S e ele tiver que enfrentar isto, o destruirá. O s pais e os filhos —disse ela brandamente, logo sepultou seu rosto no lenço . — Ah, querido Deus.

— Hayes. —Fez clique para Eve como um elo em uma cadeia. — Hayes não perdeu seu pai durante a ação fracassada. É filho do Comandante Skinner.

— S ua única indiscrição. —A s lágrimas afogaram a voz de Bella quando levantou sua cabeça outra vez. — Um tropeço no matrimônio quando jovem. E tanto disso foi minha culpa. Minha culpa, — repetiu, girando seu olhar suplicante a

Mira . — Estava impaciente, e zangada, que todo seu tempo, suas energias entrassem em seu trabalho. Eu me tinha casado com um policial, mas não tinha querido aceitar tudo o que isso significava. tudo o que isso significava para um homem como Douglas.

— N ão é fácil compartilhar um matrimônio com o dever. — Mira serviu mais chá. — Em particular quando o dever consiste no que define o companheiro. Você era jovem.

— Em efeito. —A gratidão se derramou na voz de Bella quando levantou sua taça. — Era jovem e egoísta, e tenho feito todo o possível para compensá- lo. Eu o amei terrivelmente, e quis tudo dele. N ão podia ter isso, assim é que pressionei, e me afastei dele. O u tudo ou nada. Bem. Ele é um homem orgulhoso, e eu era obstinada. S eparamo-nos durante seis meses, e durante esse tempo ele se envolveu com outra pessoa. Não posso culpá-lo por isso.

— E ela ficou grávida, — apontou Eve.

— S im. N unca ocultou. N unca mentiu ou tratou de me esconder isso É um homem honrado. — Seu tom era agudo quando olhou Eve.

— Hayes sabe?

— É obvio. É obvio que sabe. D ouglas nunca se esquivaria de suas responsabilidades. Ele forneceu apoio financeiro. Fizemos um acordo com a

mulher, e ela consentiu em criar o menino e manter sua paternidade em segredo.

N ão havia nenhuma razão, nenhuma razão absolutamente para fazer público o assunto e complicar a carreira do Douglas, manchar sua reputação.

— Assim é que pagou por sua... indiscrição.

— Você é uma mulher dura, não, Tenente? N ão há enganos em sua vida? Nenhum pesar?

— Muitos. Mas um menino -um homem- poderia ter algum problema ao ser considerado um engano. Uma erro.

— D ouglas tem sido mais que amável, generoso e responsável com o Bryson. Ele lhe dá tudo.

Tudo exceto seu nome, pensou Eve. Quanto importaria isso?

— D eu a ele as ordens para matar, S ra. S kinner? O rdens para incriminar Roarke pelo assassinato?

— A bsolutamente não. A bsolutamente não. Mas Bryson é ... possivelmente se dedicou muito ao D ouglas. N os últimos meses, D ouglas recorreu a ele muito frequentemente, e possivelmente, quando Bryson crescia, D ouglas pôs padrões que eram muito altos, muito duros para um garoto.

— Hayes precisaria provar a si mesmo ante seu pai.

— S im. Bryson é duro, Tenente. D uro e de sangue-frio. Você o entenderia, suponho. D ouglas. ele está doente. E seu estado de ânimo, sua obsessão com o que

aconteceu anos atrás o consomem tão brutalmente como sua enfermidade. O uvi se

enfurecer, como se houvesse algo mais dentro dele. E durante sua fúria ele

assinalou que algo tinha que ser feito, teria que pagar, custasse o que custasse.

Tinha chegado o momento em que a lei tinha que dar lugar à justiça com sangue.

Morte por morte. Falava com Bryson, faz meses, a respeito deste lugar. Q ue Roarke

construiu com os ossos de policiais mártires. Q ue ele nunca descansaria até que

isto, e Roarke, fossem destruídos. S e ele morresse antes que pudesse vingar a

aqueles que se perderam, seu legado para seu filho era aquele dever.

— D etenha-o. —Eve falou a D arcia. — Faça com que sua gente procure o

Hayes.

— J á estou nisso —D arcia respondeu enquanto ligava seu comunicador. —Ele

não sabe. —Bella ficou em pé devagar — O u não se permite saber. D ouglas está

convencido que Roarke é responsável pelo que ocorreu aqui. Convenceu-se que

você é parte disto, Tenente. S ua mente não é o que foi. Ele está morrendo pouco a

pouco. Isto o matará. Tenha compaixão.

Ela pensou nos mortos, e pensou em morrer.

— Pergunte que ele teria feito, S ra. S kinner, se estivesse em meu lugar agora.

A Dra. Mira ficará com você.

Ela saiu com D arcia, esperou até que estivessem bem no fim do corredor. —

D e haver um modo de separa-lo de S kinner antes que seja capturado. Vamos apanhá-lo silenciosamente.

Darcia pediu o elevador.

— Você é desumana e inflexível, não, Dallas?

— S e S kinner não lhe deu uma ordem direta, não tem sentido prendê-lo com Hayes, ou fazer a detenção enquanto ele está perto. Cristo, ele já é um cadáver —

ela parou quando D arcia não disse nada. — Q ual é o fodido sentido de arrastá-lo

nisto e destruir meio século de serviço?

— Nenhum.

— Posso solicitar outra entrevista com S kinner, afastá-lo bastante longe para que você faça a detenção.

— Você renuncia à prisão? —D arcia perguntou com voz sobressaltada quando entraram no elevador.

— Nunca foi meinha.

— O diabo que não é. Mas aceitarei, — acrescentou Darcia alegremente .

— Como você ligou a relação entre o Skinner e Hayes?

— Pais. O caso está infectado com eles. Você tem um?

— Um pai? Não tem todo mundo?

— Depende de seu ponto de vista. — Ela se desceu no vestíbulo principal.

— Vou localizar Peabody, e lhe dar uma oportunidade para coordenar sua

equipe. — Verificou seu relógio. — Q uinze minutos deveriam... Bem, bem. O lhe

quem recebe a corte no salão do vestíbulo.

Darcia localizou e estudou o grupo lotado em duas mesas.

— Skinner parece ter recuperado sua serenidade.

— O homem gosta de ter um público. I sso provavelmente o infla mais que

seus medicamentos. N ós poderíamos jogar assim. N os aproximamos, e me

desculpo por interromper o seminário. D istraio S kinner, começo uma conversa.

Você diz ao Hayes que gostaria de falar com ele sobre o Weeks. N ão quer

incomodar Skinner com perguntas de rotina e blah, blah. Pode encarregar-se disso?

Darcia a olhou brandamente.

— Você pode?

— Está bem, então. Façamos. Rápido e tranquilo.

Elas estavam na metade do vestíbulo quando Hayes as localizou. D ois

segundos mais tarde, ele corria.

— Maldito seja, maldito seja. Ele tem instintos de polícia. Bloqueie aquele

caminho — solicitou Eve, logo correu pela multidão. S altou sem problemas o

corrimão dourado que separava o salão do vestíbulo. A s pessoas gritaram, ficando

para trás. Vidros quebraram quando uma mesa caiu. Divisou Hayes quando ele saia

por uma porta atrás do bar.

Ela saltou o balcão do bar, ignorando as maldições dos garçons e clientes. A s garrafas se quebraram, e houve um aroma repentino, embriagador de licor de boa qualidade. Sua arma estava em sua mão quando golpeou a porta com seu ombro. A cozinha estava cheia de barulho. Um cozinheiro androide estava caído no piso do estreito corredor, sua cabeça sacudindo pelo dano feito na queda. Tropeçou nele, e a rajada do laser de Hayes cantou sobre sua cabeça.

Em vez de se endireitar, ela girou e se meteu atrás de um gabinete de aço inoxidável.

— Entregue-se, Hayes. A onde vai? Há pessoas inocentes aqui. D eixe cair sua arma.

— N inguém é inocente. —Ele disparou outra vez, e a linha de calor percorreu o chão e terminou no androide.

— I sto não é o que seu pai quer. Ele não quer mais mortos amontoados a seus pés.

— N ão há preço muito alto pelo dever. —Uma prateleira com louça explodiu ao lado dela, cobrindo a de fragmentos de vidro quebrado.

— Foda-se. —Ela enviou atirou por sobre sua cabeça, e girou à esquerda. Subiu a arma e blasfemou outra vez quando perdeu seu objetivo em um canto A lguém gritava. O utra pessoa chorava. Mantendo-se agachada, ela partiu em perseguição. Girou ao som de outra explosão e viu fogo em uma pilha de roupas

brancas.

— A lguém se encarregue disso! —ela gritou e dobrou o próximo canto. Viu a porta de saída. — Merda!

Ele tinha arrebentado as fechaduras, selando tudo com eficácia. Frustrada, forçou contra ela, deu um par de chutes sólidos, e não deslocou nenhuma polegada.

Embainhando sua arma, caiu fora da desordem e fumaça. S em muita esperança, atravessou correndo o vestíbulo, saiu pelas portas principais para explorar as ruas. No momento em que chegou à esquina, Darcia vinha de volta.

— Perdi ele. Filho da puta. Estava um quarteirão e meio na minha frente. — D arcia embainhou sua própria arma — N unca teria agarrado ele a pé com estes malditos sapatos. Tirei um alerta. Apanharemos o bastardo.

— O filho de puta cheirou a detenção. —Furiosa consigo mesma, Eve girou em um círculo. — N ão dei a ele bastante crédito. Golpeou algumas pessoas na cozinha. Matou um androide, começou um incêndio. Ele é rápido, preparado e ardiloso. E o maldito está dianteira.

— Apanharemos ele — repetiu Darcia.

— Seguro como o inferno que pegaremos.

Capítulo Dez

— Tenente.

Eve estremeceu, e observou Roarke caminhar para ela.

— Suponho que se inteirou de que tivemos um pequeno incidente.

— A credito que acabo de ver vários danos colaterais. —O humor dissolveu a cólera na cara de Darcia. — Desculpe.

— Se machucou? —Roarke perguntou a Eve.

— N ão. Mas tem um androide morto na cozinha. N ão o matei, se por acaso se pergunta isso. Houve um pequeno incêndio, além disso. Mas não o iniciei. O dano

do teto, isso ocorre por minha conta. E algo de, já sabe, ruptura e coisas assim.

— Estou vendo. —Ele estudou a elegante fachada do hotel. — Estou seguro que os hóspedes acharam tudo isso muito emocionante. O s que não me processarem deverão desfrutar contando a história a seus amigos e parentes por muito tempo. A cho que terei que contatar meus advogados para alertá-los que vários julgamentos civis encabeçarão nossa jornada, possivelmente você teria tomaria um momento para me informar por que tenho um androide morto, vários hóspedes histéricos, o pessoal de serviço gritando, e um pequeno incêndio na cozinha.

— Certo. Por que não procuramos Peabody e Feeney, assim contarei de uma só vez?

— N ão, acredito que eu gostaria de saber agora. Vamos dar um pequeno passeio. —Ele tomou seu braço.

— Não tenho tempo para.

— Arranje.

Guiou-a pelo hotel, através dos jardins laterais, a cafeteria do pátio, serpenteou através de uma das áreas da piscina e entrou no elevador privativo enquanto ele escutava seu relatório.

— Então suas intenções eram proteger os sentimentos e a reputação do Skinner.

— N ão deu certo, mas, sim, era o ponto. Hayes nos viu primeiro. —N o momento em que entrou na suíte, abriu uma garrafa de água, e bebeu. Até aquele instante não tinha se dado conta que a fumaça tinha convertido sua garganta em um deserto cru de sede. — D everia ter pensado nisso. A gora ele está livre, e isso está em mim, também.

— Não sairá da estação.

— N ão, não sairá. Mas possivelmente tem em mente causar uns danos enquanto está solto. Terei que olhar os mapas e planos do resort. Faremos uma análise de computador, marcaremos os lugares nos que teria mais probabilidade de se esconder..

— Me encarregarei disso. Posso fazer mais rápido, — disse antes que ela pudesse se opor. — Você precisa de um banho. Cheira a fumaça.

Ela levantou seu braço, cheirando.

— S im, suponho que sim. J á que está sendo tão serviçal, localizaria Peabody e

Feeney? Quero esta perseguição coordenada.

* * *

— Muitos lugares onde se esconder.

Uma hora mais tarde, Eve olhou mal-humorada, as telas na parede e as posições que o computador tinha selecionado.

— Me pergunto, além disso, se ele tinha algum transporte de reserva se por acaso isto se voltasse contra ele, alguém que foi subornado para passar o contrabando fora para fora do local. S e sair desta estação, poderia ir-se a qualquer

fodido lugar.

— Posso trabalhar com A ngelo em perseguir esse ângulo — disse Feeney . — E um pouco de manobra eletrônica pode impedir algo programado para partir da área durante umas boas vinte e quatro horas.

— Bem pensado. Mantenha contato, ok?

— Certo. —Ele saiu, agitando um saquinho de amêndoas.

— Roarke conhece melhor o lugar. Ele me levará aos locais especificados. Vamos dividir com a equipe de Angelo.

— Coordeno daqui? —Peabody perguntou.

— N ão exatamente. Preciso que você trabalhe com Mira. Tenha certeza de que S kinner e sua esposa permaneçam quietos e informe se Hayes entrar em contato com eles. Existe esta outra coisa.

— Sim, senhora. —Peabody elevou a vista de seu livro de notas.

— Se não o capturarmos esta noite, terá que me dar cobertura amanhã.

— Cobrir você?

— Tenho as notas e tudo aqui. —Eve jogou seu palm no colo de Peabody.

— N otas? — Peabody contemplou a pequena unidade com horror. — S eu seminário? OH, não, senhora. Uh-uh. Dallas, não darei seu seminário.

— S ó pense a respeito disso como um auxilio —sugeriu Eve. — Roarke? —Ela caminhou para a porta e saiu, deixando Peabody soltando faíscas.

— Por que será que não quer dar esse seminário amanhã? —Roarke se perguntou.

— N ão tenho que responder isso até que leiam o Miranda revisado. —Eve fez girar seus ombros e teria jurado que sentiu o peso saindo deles. — Às vezes as coisas só resultam perfeitas, não?

— Pergunte isso a Peabody pela manhã.

Com um sorriso, ela entrou no elevador.

— Vamos caçar.

* * *

Eles examinaram cada local, até incluíram a parte de A ngelo. Era um processo demorado, aborrecido e exigente. Mais tarde ela pensaria que a operação lhe tinha

dado uma completa visão do alcance do projeto favorito de Roarke. O s hotéis,

cassinos, teatros, restaurantes, as lojas e negócios. A s casas e os edifícios, as praias

e os parques. A total extensão do mundo que ele tinha criado era mais do que ela tinha imaginado.

Embora impressionante, fazia o trabalho próximo ao impossível.

Eram mais de três da manhã quando ela desistiu e se arrastou para a cama.

— Encontraremos ele amanhã. S eu rosto está em cada tela na área. N o momento que tentar comprar qualquer provisão, o localizaremos. Ele tem que dormir, tem que comer.

— Você também. —N a cama, Roarke a apertou contra ele. — D esconecte, Tenente. A manhã chegará logo.

— Ele não irá longe. —S ua voz espessou com o sono. — Precisa concluir tudo e conseguir os elogios de seu pai. Legados. Malditos legados. Passei a vida fugindo

do meu.

— S ei. —Roarke acariciou a testa com seus lábios enquanto ela caía no sono.

— Igual a mim.

D esta vez foi ele quem sonhou, como raramente fazia, com os becos de

D ublim. Com ele mesmo, um garoto jovem, muito magro, com olhos agudos, dedos ágeis, e pés rápidos. Uma barriga frequentemente vazia.

O aroma de lixo e uísque antigo, e o frio da chuva que alegremente penetrava em seus ossos.

Ele se viu em um daqueles becos, olhando fixamente para seu pai, que se encontrava deitado entre os sacos de lixo, e cheirava a uísque antigo. E cheirava, também, a morte. o sangue e a merda que estavam fora do homem em seus últimos momentos. A faca ainda estava em sua garganta, e seus olhos -azul transparentes- estavam abertos e devolvia o olhar ao garoto que ele tinha feito.

Lembrou-se, muito claramente, dele falando.

Agora, bastardo, alguém te matou. E eu que pensei que um dia teria esse prazer.

S em escrúpulos, ele tinha se abaixado e revirado os bolsos atrás de qualquer moeda ou artigos que poderiam ser empenhados ou trocados. N ão havia nada, mas por outro lado, nunca tinha havido muito. Ele tinha considerado, brevemente, tomar a faca. Mas ele tinha gostado da ideia dela onde estava para incomodar-se.

Ele estava de pé nesse momento, aos doze anos, com machucados ainda frescos e doloridos da última surra que essas mãos mortas lhe tinham dado.

Ele cuspiu. Ele correu.

* * *

Ele se levantou antes dela, como de costume. Eve o estudou enquanto tomava sua primeira xícara de café. Eram apenas sete da manhã

— Parece cansado.

Ele seguiu estudando os relatórios das ações em uma tela e a análise do

computador sobre os esconderijos potenciais em outra.

— Eu? Suponho que poderia ter dormido melhor.

Q uando ela se abaixou diante dele, e pôs uma mão sobre sua coxa, ele a

olhou. E suspirou. Ela podia lê-lo bastante bem, pensou, sua policial.

Tal como ele a podia ler, e sua preocupação por ele.

— Me pergunto— começou ele—, e não é que me preocupe, quem fez o favor

de lhe cravar essa faca. A lguém, penso, que era parte do cartel. Ele tinha sido pago,

entende e não havia nada em seus bolsos. N em um fodido *punt* ou *pence*[3] nele nem no buraco imundo onde vivíamos. Eles devem ter roubado, visto que ele não

gastou com putas ou bebidas ou simplesmente esbanjou.

— Importa quem?

— N ão muito, não. Mas eu me pergunto. —Q uase não lhe contou o resto, mas

o fato dela simplesmente lhe ouvir, o acalmou. — Tinha minha cara. I sso esqueço a

maioria das vezes, a lembrança de quem me fez. Mas Cristo, tenho o olhar dele.

Ela se deslizou em seu colo, e passou suas mãos por seu cabelo.

— Não acredito. —E o beijou.

— N os fizemos um ao outro no final, não, querida Eve? D uas almas perdidas

em uma unidade inquebrável.

— Suponho que sim. Isso é bom.

Ele acariciou sua bochecha contra a dela, e sentiu que a fadiga passava.

— Muito bom.

Ela se agarrou outro minuto, então retrocedeu.

— Isto é um assunto muito sensível. Tenho trabalho que fazer.

— Quando terminar, por que não ficamos realmente sensíveis, você e eu?

— Pode demorar. —Ela se levantou para ficar em contato com D arcia e

conseguir uma atualização da perseguição.

— N ão há sinais dele em nenhum lugar—Eve disse a Roarke, então começou

a andar . — Feeney se ocupou do transporte. N ada deixou a estação. Encaixotamos

ele, mas é uma caixa grande com muitos ângulos. N ecessito do S kinner. N inguém

o conhece tão bem como Skinner.

— Hayes é seu filho — Roarke lhe recordou. — Pensa que ele ajudaria você?

— D epende do quanto de policial ainda existe nele. Vem comigo, — disse ela.

— Ele precisa nos ver. Precisa lidar com isso.

* * *

Ele pareceu desfigurado, pensou Eve. S ua pele estava cinza e pálida. Q uanto

era tristeza, o quanto enfermidade, não sabia. Uma combinação de ambas, supôs, e

acabaria com ele.

Mas, ela notou, vestia um terno, e tinha posto seu alfinete do distrito policial

na lapela.

Ele desprezou, com certa impaciência, o intenção de sua esposa de bloquear Eve.

— D eixa de preocupar-se, Belle. Tenente. —S eu olhar fixo passou roçando sobre Roarke, mas ele não podia falar com homem. — Q uero que saiba que me pus em contato com meus advogados em nome de Hayes. A credito que você e a Chefe Angelo cometeram um sério engano de julgamento.

— N ão, você não acredita nisso, Comandante. Você foi policial muito tempo. Avalio a dificuldade de sua posição, mas Hayes é o principal suspeito de dois assassinatos, de sabotagem e de conspiração para implicar Roarke naqueles assassinatos. Feriu pessoas inocentes ao fugir e causou considerável estrago à propriedade. Também abriu fogo contra um oficial de polícia. Ele está atualmente em fuga.

— Há uma explicação.

— S im, acredito que há. Ele recolheu o estandarte de seu pai, Comandante, e o leva onde não acredito que você pretendeu chegar. Você me disse ontem que nenhuma perda é aceitável. Disse isso a sério?

— A busca da justiça frequentemente... N o curso do dever, nós... —Ele olhou impotente para sua esposa. — Bella, nunca quis dizer. Reggie, Zita. Matei-os?

— Não, não. —Ela se aproximou dele rapidamente, rodeou-o com seus braços.

E ele pareceu encolher-se contra ela. — Não é sua culpa. Não é seu trabalho.

— S e você quiser justiça para eles, Comandante, me ajude. O nde iria ele? O que faria a seguir?

— Não sei. Pensa que não me atormentei com isso toda a noite?

— N ão dormiu, — Belle disse a ela. — N ão tomou sua medicação contra a dor. Tem que descansar.

— Confiei nele — seguiu S kinner . — Compartilhei meus pensamentos, minhas crenças, minha cólera. Q uis que continuasse minha missão. N ão deste modo. — S kinner se afundou em uma cadeira . — N ão desta forma, mas marquei o caminho. N ão posso negar isso. S eu pai matou por esporte, por dinheiro, por puro gosto, — disse a Roarke . — Ele nem sequer sabia o nome das pessoas que assassinou. Olho pra você e vejo o rosto dele. Você nasceu dele.

— S im. —Roarke afirmou com a cabeça. — E tudo o que tenho existe apesar dele. Você não pode odiá-lo tanto quanto eu, Comandante. N ão importa com quanta força o tente, nunca alcançará minha medida. Mas não posso viver com esse ódio. E sou maldito se morrerei com isso. Vai ser assim com você?

— Usei ele para me manter vivo estes últimos meses. —S kinner baixou o olhar para as mãos. —Isso o arruinou. Meu filho é um homem cuidadoso. Terá uma saída. A lguém de dentro que lhe ajudará a ganhar acesso ao hotel. N ecessitará

disso para terminar o que começou.

— Matar ao Roarke?

— N ão, Tenente. O pagamento seria algo melhor do que isso. É você a quem

ele quer. —Ele levou uma mão ao rosto, que se umedeceu. — Para levar o que seu

objetivo mais aprecia.

Quando ele assobiou de dor, Eve se aproximou.

— Você necessita de assistência médica, Comandante. Precisa ir para o

hospital.

— N ada de hospitais. N ada de centros médicos. Tente capturá-lo vivo, D allas.

Quero que ele consiga a ajuda que necessita.

— Tem que ir. —Bella interveio. — Ele não pode aguentar mais.

— Enviarei a doutora Mira. —J usto quando Eve falou, S kinner desabou na

cadeira.

— Está inconsciente. —Roarke instintivamente afrouxou a gravata de S kinner.

— Sua respiração está muito fraca.

— N ão toque nele! Me deixe. —Bella deu um passo para trás quando seus

olhos encontraram os de Roarke. Ela respirou longa, e profundamente. — S into.

Poderia me ajudar, por favor? Leve ele para o quarto. S e você chamasse à doutora

Mira, Tenente Dallas, eu agradeceria.

* * *

— S eu corpo se desgasta— disse Eve quando S kinner foi levado para o quarto com Mira assistindo-o. — É preferível para todos que ele se vá antes de apanharmos o Hayes.

— S eu corpo já se desgastou — corrigiu Roarke . — Mas ele deixou ir sua razão para viver.

— N ão há nada a fazer, a não der deixá-lo com Mira. O computador não pensou que Hayes retornaria ao hotel. S kinner sim. Estou com o S kinner. Hayes me

quer, e ele sabe que S kinner está com os dias contados, portanto tem que agir rápido. —Ela conferiu seu relógio. — Parece que vou dar esse maldito seminário depois de tudo.

— E fazer de você mesma um objetivo?

— Com bastante proteção. Coordenaremos a sua equipe de segurança e A ngelo e eu o depenaremos como um ganso se ele tenta atacar. —Ela começou, tirando um comunicador emprestado de seu bolso.

Tirou sua arma quando viu Hayes sair da porta da escada ao final do corredor.

— A lto! —Ela correu atrás dele quando se escondeu no vão da escada. — Chame a segurança! —Eve gritou para Roarke. — Localizem ele!

Roarke cruzou a porta diante dela. A arma em sua mão era ilegal.

— Não. Você localiza.

Já que amaldiçoar era uma perda de tempo, ela correu para a escada com ele.

— O suspeito foi visto — chamou ela pelo comunicador enquanto desciam

como um raio a escada. — D escendo pela escada sudeste, agora entre os andares

vinte e um e vinte. Movendo-se rápido. Considerem o suspeito armado e perigoso.

Ela desconectou o comunicador antes de falar com Roarke.

— Não mate ele. Não atire a menos que não tenha outra opção.

Uma rajada golpeou o patamar segundos depois dos seus pés.

— Como agora? —Roarke comentou.

Mas foi Eve quem disparou, inclinando-se sobre o corrimão e convertendo os

degraus inferiores em escombros. S urpreendido, Hayes tratou de girar, sair

disparado para a porta, mas perdeu o equilíbrio.

Ele caiu com força nos degraus fumegantes e quebrados.

E Angelo entrou pela porta, com a arma em ambas as mãos.

— Tentando tomar minha prisão, Dallas?

— Todo seu. —Eve desceu, passando por cima da arma que tinha caído da

mão do Hayes. — Duas pessoas mortas. Para que? —perguntou a Hayes.

— Valeu a pena?

S ua boca e sua perna sangravam. Ele limpou o sangue em seu queixo

enquanto seus olhos fulminaram os dela.

— N ão. D everia ter sido mais direto. D everia ter mandado você direto para o

inferno e assistido o bastardo com quem fode sangrando por você. I sso teria

valido

a pena , sabendo que ele estaria vivendo com o tipo de dor que seu pai causou. O comandante poderia ter morrido em paz sabendo que tinha obtido sua justiça.

Quis dar mais a ele.

— D eu a Weeks ou Vinter uma escolha? —Eve exigiu. — Falou que morreriam pela causa?

— O comando não está obrigado a explicar. Eles honraram seus pais, como eu honro ao meu. Não há escolha.

— Você mandou que o Weeks me atacasse, e ele nem sequer suspeitou o que isso ia custar. Você fez que Vinter sabotasse as câmeras, e quando se deu conta do

motivo, matou-a.

— Foram perdas necessárias. A justiça requer o pagamento. Você ia ser meu último presente para ele. Você em uma jaula — disse ele a Roarke . — Você em um

caixão. — S orriu para Eve quando o disse . — Por que não está dando seu seminário, Tenente? Por que diabos não está onde tinha previsto estar?

— Tive um problema por... —Ela saiu disparada. — OH, Deus. Peabody.

Ela saiu rapidamente pelo corredor.

— Que andar? Que andar?

— Por aqui. —Roarke agarrou sua mão, em direção ao elevador. — saltamos no quarto, — disse ele . — Viramos à esquerda. A segunda porta à direita leva

atrás

da área do palco.

— Explosivos. Ele gosta de explosivos. —Ela tirou seu comunicador outra vez

enquanto esperava que o elevador chegasse. — Ela desligou o seu. Filha da puta!

Qualquer oficial, qualquer oficial, limpem a Sala de Conferências D imediatamente.

Limpem a área de todo pessoal. Possível dispositivo explosivo. A lertem à D ivisão

de Explosivos. Limpem essa área agora!

Ela cruzou a porta e saiu como um raio à esquerda.

Eu mandei ela para lá, era tudo no que ela podia pensar. E ainda sorri

maliciosamente por causa disso.

OH, Deus, por favor.

Havia um zumbido em seus ouvidos que era seu próprio sangue correndo a

toda velocidade, o ruído do público, ou as ordens gritadas para saírem.

Mas localizou Peabody atrás do pódio e saltou os três degraus ao lado do

cenário. S altou outra vez no momento em que seus pés tocaram o chão e, pegando

a sua ajudante na cintura, saltaram ambas no ar, caindo emboladas no chão.

Tomou fôlego, mas logo perdeu novamente quando Roarke aterrissou em

cima dela.

A explosão soou em seus ouvidos, e sacudiu o chão embaixo ela. S entiu o

calor brutal sobre ela como uma onda que enviou aos três girando para distante do

palco.

O s escombros choveram sobre eles, alguns ainda ardendo. Vagamente ouviu

o barulho de pessoas correndo, gritos, e o assobio crepitante de um incêndio.

Pela segunda vez em dois dias, ela foi encharcada com o jorro dos aspersores

do teto.

— Você está bem? —Roarke disse em seu ouvido.

— S im, sim. Peabody. —Tossindo, com os olhos ardendo da fumaça, Eve se

voltou para trás, e viu a cara pálida de sua ajudante, e os olhos vítreos. — Está

bem?

— A cho que sim. —Ela piscou. — A credito que tem duas cabeças. D allas, e

uma delas é a do Roarke. É o mais bonito. E penso que realmente você ganhou um

pouco de peso. —Ela sorriu vagamente e desmaiou.

— Ela conseguiu uma bonita comoção cerebral, — decidiu Eve, logo girou sua

cabeça fazendo que seu nariz se chocasse com o de Roarke. — É bonito, entretanto.

Agora demônios, saia de cima de mim. É seriamente pouco digno.

— É obvio, Tenente.

Enquanto os médicos se ocupavam de Peabody, e a D ivisão de Explosivos

tomava conta da cena, Eve se sentou fora da sala de conferências e bebeu o café que

alguma alma anônima e querida lhe tinha dado.

Estava encharcada até os ossos, asquerosa, tinha alguns cortes, e uma mescla

de contusões. S upôs que seus ouvidos possivelmente deixariam de ressoar apenas

antes de Natal.

Mas em conjunto, sentia-se absolutamente bem.

— Vai ter que fazer uns consertos nesse local — ela disse ao Roarke.

— Parece que não posso te levar a nenhum lugar, verdade?

Ela sorriu, ficando de pé quando Darcia se aproximou.

— Hayes está sob custódia. Renunciou ao direito ter um advogado. Em minha

opinião, terminará em uma instalação para criminosos violentos, deficientes

mentais. N ão vai estar na prisão em uma cela comum. Está podre. S e servir de

consolo, ficou muito decepcionado para ouvir que você não está espalhada por toda

parte daquele palco.

— Não é sempre que se pode conseguir o que se quer.

— Tremenda maneira de se livrar de dar um seminário, entretanto. Teremos

de dar a você os créditos por isso.

— Precisando ...

Ficando séria, Darcia mudou de assunto.

— Obedecemos a data limite interplanetária. Obrigado.

— Não direi a qualquer hora.

— Terei um relatório completo para seus arquivos por volta do final do dia, — disse ela a Roarke. — Espero que sua visita seguinte seja menos... complicada —
acrescentou.

— Foi uma ótima experiência ver você em ação, Chefe A ngelo. Estou confiante que o Olympus está em boas mãos.

— Conte com isso. S abe, D allas, parece que você necessita de umas férias em um bonito *resort.* — sorriu brilhantemente . — Vejo você em breve.

— Ela é esperta. Tenho que admirar isso. Vou averiguar sobre Peabody, — começou, logo se deteve quando viu Mira caminhar na direção dela.

— Ele se foi — disse Mira simplesmente. — Teve tempo se despedir de sua esposa, e me pedir que dissesse a você que ele se equivocou. O sangue não conta sempre. Presenciei a terminação. D eixou a vida com valentia e dignidade. Ele me
perguntou se você compareceria ao velório e ao enterro.

— O que lhe disse?

— D isse-lhe que o sangue não conta sempre. O caráter prevalece. Volto com sua esposa agora.

— D iga a ela que sinto sua perda, e que a aplicação da lei hoje perdeu um de seus grandes heróis.

Mira se inclinou para beijar a bochecha de Eve, sorrindo quando ela se retorceu.

— Tem um bom coração.

— E visão clara — Roarke acrescentou quando Mira se afastou.

— Visão clara?

— Para ver através das sombras, o coração do homem.

— N inguém passa pela vida sem fode-la. Ele deu cinquenta anos à insígnia.

N ão foi tudo o que deveria ter sido, mas foram cinquenta anos. D e todos os modos.

—Ela cedeu a suscetibilidade. — Tenho que averiguar sobre Peabody.

Roarke tomou sua mão e a beijou.

— I remos saber como Peabody está. Logo falaremos a respeito dessas bonitas

férias em um *resort.*

Q uando os porcos voarem, pensou. Ela ia pra casa assim que fosse

humanamente possível. As ruas de Nova York eram seu próprio *resort.*

Fim

E ste *ePub* teve como base uma tradução em

Pdf feita por CB e Miss pelo grupo **PDL**.

Junho de 2014

LeYtor

{1} Terra de N ode: Genesis 4:16 — Parte oriental do Éden, onde Caim foi viver depois de matar Abel.

{2} N o original, “Yes, S ir”, utilizado tanto para superiores masculinos e femininos.

Por isso a Chefe A ngelo corrige a Peabody, indicando o gênero correto a ser

utilizado quando falar com ela.

{3} Libra irlandesa: punt, em irlandês era a moeda oficial do Estado Livre I rlandês, e

posteriormente da República da I rlanda, até em 1 de janeiro de 1999. Uma libra

irlandesa equivalia a 100 pence.

Document Outline

- Rosto
- Prefácio
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez